



Universidade Federal do Pará
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas
Faculdade de Biblioteconomia

Marcos Paulo de Oliveira

**O SOCIOCOGNITIVISMO DO CATALOGADOR DE ASSUNTO COM USO DAS
DIRETRIZES DA ANÁLISE DE ASSUNTO: aplicação do protocolo verbal individual.**

Belém

2018

Marcos Paulo de Oliveira

**O SOCIOCOGNITIVISMO DO CATALOGADOR DE ASSUNTO COM USO DAS
DIRETRIZES DA ANÁLISE DE ASSUNTO:** aplicação do protocolo verbal.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Pará.

Financiadora: PROPESP – PIBIC/PRODUTOR.

Orientadora: Profª Drª Franciele Marques Redigolo.

Belém

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O48s Oliveira, Marcos Paulo de
O sociocognitivismo do catalogador de assunto com o uso das diretrizes da
análise de assunto : aplicação do protocolo verbal individual / Marcos Paulo de Oliveira. –
2018

87 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de
Biblioteconomia, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Pará,
Belém, 2018.

Orientação: Profa. Dra. Franciele Marques Redigolo

1. Catalogação de assunto. 2. Análise de Assunto. 3. Protocolo Verbal
Individual. I. Redigolo, Franciele Marques, *orient.* II. Título

CDD 025.4

Marcos Paulo de Oliveira

O SOCIOCOGNITIVISMO DO CATALOGADOR DE ASSUNTO COM USO DAS DIRETRIZES DA ANÁLISE DE ASSUNTO: aplicação do protocolo verbal individual.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Pará.

Financiadora: PROPESP – PIBIC/PRODUTOR.

Aprovado em: 14/12/2018

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Franciele Marques Redigolo.
Universidade Federal do Pará
Orientadora

Prof. Dr. Hamilton Vieira de Oliveira
Universidade Federal do Pará

Prof^a Me. Telma Socorro Silva Sobrinho
Universidade Federal do Pará

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, manifesto aqui a minha gratidão a Deus por ter me concedido saúde, disposição e força para vencer essa etapa de minha vida.

Agradeço aos meus pais que sempre batalharam para me oferecer uma educação de qualidade.

Agradeço a minha irmã e meu cunhado que mesmo estarem um pouco longe sempre me apoiaram.

Sou grato a todos os meus colegas de turma, em especial as queridíssimas Luciana di Paula Andrade da Fonseca e a Cátia Mendes de Sousa pelo apoio, e aos professores que durante esses anos compartilharam seus conhecimentos comigo, meu muito obrigado.

Não posso deixar de agradecer em especial a minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Franciele Marques Redigolo, que contribuiu com os seus conhecimentos para a qualidade desse trabalho.

Agradeço à Universidade Federal do Pará, que me proporcionou a chance de expandir os meus horizontes. À Propesp pela concessão de bolsa de Iniciação Científica e ao grupo de pesquisa: Organização e Representação em Arquivos e Bibliotecas (ORAB) pelo espaço de compartilhamento de ideias, questionamentos, indagações e para construção de conhecimento.

À equipe de bibliotecários que contribuíram grandemente com essa pesquisa, meu muito obrigado.

No silêncio e no recôndito do pensamento, nasce a clareza da compreensão quando a palavra se transforma em termo.

Emília Currás.

RESUMO

Apresenta um estudo das dificuldades de aprimoramento e estratégias de aperfeiçoamento para a análise de assunto, além de investigar as estratégias desenvolvidas pelos profissionais no processo de análise de assunto na tentativa de aprimorar uma metodologia para a catalogação de assuntos. Possui como objetivo geral alcançar discussão de aprimoramento sobre metodologia de representação de conteúdo de documentos no âmbito universitário a partir do contexto sociocognitivo dos catalogadores. E possui os seguintes objetivos específicos: a) Estudar na literatura sobre o contexto sociocognitivo do catalogador na catalogação de assunto; análise de assunto e o estudo de normalização para representação de assunto. b) Investigar a estrutura das diretrizes de Análise de assunto a partir da aplicação Protocolo Verbal Individual com seis catalogadores da UFPA. c) Colaborar na discussão para validação das Diretrizes de Análise de Assunto como um instrumento capaz de fornecer uma padronização na análise de assunto nas bibliotecas universitárias. Do ponto de vista metodológico, este estudo enquadra-se como pesquisa de caráter teórico-prático, com abordagem qualitativa descritiva. Utilizou-se a técnica do Protocolo Verbal Individual (PVI) com seis catalogadores em seis bibliotecas universitárias, para a leitura e discussão de um texto. O produto da técnica abordada nesta pesquisa gerou categorias para análise, possibilitando uma investigação a partir dos processos mentais dos profissionais em relação ao processo de análise de assunto na catalogação de assunto em contexto universitário. Foi possível discutir, a partir das transcrições do PVI os pontos fortes e fracos da diretriz de análise de assunto, evidenciando que algumas atitudes podem refletir negativamente na hora da recuperação da informação. Em vista aos avanços obtidos nesta pesquisa, observou-se que existe uma grande necessidade de aprimorar metodologias normativas para a análise de assunto, devido a dois motivos: as dificuldades do processo de análise de assunto na catalogação de assunto observada em estudos desenvolvidos na área e também por resultados de uma carência metodológica da área.

Palavras-chave: Análise de assunto. Catalogação de assunto. Protocolo Verbal Individual.

ABSTRACT

Presents a study of the difficulties of enhancement and strategies of improvement for subject analysis, as well as investigating the strategies developed by professionals in the process of subject analysis in an attempt to hone an methodology for the cataloging of subjects. It has as main objective to attain a discussion of enhancement about methodology of representation of contents of documents in the university scope from the sociocognitive context of catalogers. It has the following specific objectives: a) To study in the literature on the sociocognitive context of the cataloger in the subject cataloging; subject analysis and the normalization study for subject representation. b) Investigate the structure of the Guidelines of subject analysis from the application of the Individual Verbal Protocol with six catalogers from UFPA. c) Collaborate in the discussion to validate the subject analysis Guidelines as an instrument capable of providing standardization in the subject analysis in university libraries. From the methodological point of view, this study fits as a theoretical-practical research, with qualitative descriptive approach. It was used an Individual Verbal Protocol (PVI), with six catalogers in six university libraries, for reading and discussion of a text. The product of the technique addressed in this research generated categories for analysis, enabling an investigation from the mental processes of professionals in relation to the process of subject analysis in the cataloging of subject in university context. It was possible to discuss, from the transcripts of the PVI, the strengths and weaknesses of the guidelines of subject analysis, evidencing that some attitudes can be negatively reflected at the time of information retrieval. In view of the advances obtained in this research, it was observed that there is a great need to hone normative methodologies for the subject analysis, due to two reasons: the difficulties from process of the subject analysis in the subject cataloging observed in studies developed in the area and also by results of a lack methodological in the área

Palavras-chave: Subject Analysis. Subject Cataloging. Individual Verbal Protocol.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação entre os objetivos específicos e os capítulos desta pesquisa	14
Quadro 2 – Etapas do processo de indexação	20
Quadro 3 – Fatores que podem afetar a qualidade da indexação	25
Quadro 4 – Actantes Sociais	26
Quadro 5 – Identificação Bibliotecas Universitárias selecionadas	31
Quadro 6 – Seleção dos catalogadores para a coleta com o PVI	32
Quadro 7 – Categorias de análise dos PVIs	35
Quadro 8 – Fases do processo de análise destacadas pelos profissionais	49

LISTA DE SIGLAS

AACR2	Código de Catalogação Anglo Americano – 2º Ed. – Revisado
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AENOR	Associação Espanhola de Normalização e Certificação
BN	Biblioteca Nacional
BSI	British Standards Institution
BU	Biblioteca Universitária
CI	Ciência da Informação
IPQ	Instituto Portugues de Qualidade
ISKO	International Society for Knowledge Organization
ISO	International Organization for Standardization
LC	Library of Congress
MARC21	Machine Readable Cataloging
NML	National Library of Medicine
ORAB	Organização e Representação em Arquivos e Bibliotecas
ORC	Organização e Representação do Conhecimento
PUC/PR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
PVI	Protocolo Verbal Individual
SIBI	Sistema de Bibliotecas
TDI	Tratamento Descritivo da Informação
TTI	Tratamento Temático da Informação
UFPA	Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	CATALOGAÇÃO DE ASSUNTO NO TRATAMENTO TEMÁTICO DA INFORMAÇÃO.....	16
2.1	Catálogo de assunto no contexto de bibliotecas universitárias	19
2.1.1	O processo de análise de assunto de documentos.....	21
3	O PROCESSO COGNITIVO E O ESTUDO SOBRE NORMALIZAÇÃO NA ANÁLISE DE ASSUNTO	23
3.1	Processo cognitivo na análise de assunto em contexto de Bibliotecas Universitárias	24
3.1.1	Subjetividade do catalogador de assunto	25
3.2	Normas técnicas	27
3.3	Apresentação das diretrizes de análise de assunto	29
4	METODOLOGIA.....	31
4.1	Protocolo Verbal	32
4.1.1	Protocolo verbal individual.....	33
4.2	Categorias de análise dos dados	35
4.3	Forma de análise dos dados	36
5	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	37
5.1	Resultados e discussões gerais dos protocolos verbais individuais	37
5.2	Apresentação dos Pontos Fortes e Fracos	50
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
	REFERÊNCIAS.....	54
	APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO	59
	APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	60
	APÊNDICE C - PONTOS NORTEADORES DA ENTREVISTA RETROSPECTIVA	62
	APÊNDICE D - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL COM O CATALOGADOR DA ÁREA DE <u>CIÊNCIAS DA SAÚDE DA UFPA</u>	63
	APÊNDICE E - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL COM O CATALOGADOR DA ÁREA DE <u>CIÊNCIAS HUMANAS DA UFPA</u>	65

APÊNDICE F - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL COM O CATALOGADOR DA ÁREA DE <u>CIÊNCIAS EXATAS DA UFPA</u>	67
APÊNDICE G - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL COM O CATALOGADOR DA ÁREA DE <u>CIÊNCIAS DA SAÚDE DA UFPA</u>	71
APÊNDICE H - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL COM O CATALOGADOR DA ÁREA DE <u>CIÊNCIAS HUMANAS DA UFPA</u>	73
APÊNDICE I - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL COM O CATALOGADOR DA ÁREA DE <u>CIÊNCIAS EXATAS DA UFPA</u>	76
ANEXO A - FAMILIARIZAÇÃO AOS SUJEITOS SOBRE A TÉCNICA DO “PENSAR ALTO” OU PROTOCOLO VERBAL	78
ANEXO B - NOTAÇÕES ESPECÍFICAS PARA TRANSCRIÇÕES: ADAPTADAS DE CAVALCANTI (1989)	79
ANEXO C - DIRETRIZES DE ANÁLISE DE ASSUNTO NA CATALOGAÇÃO EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS (REDIGOLO, 2014, p. 207)	80

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema o estudo das dificuldades de aprimoramento e estratégias de aperfeiçoamento para a Análise de assunto a partir do contexto sociocognitivo dos Catalogadores de Assunto em contexto de Bibliotecas Universitárias (BU).

Estudos e investigações sobre estratégias de desenvolvimento do procedimento de Análise de Assunto tornam-se essenciais para se chegar a uma metodologia para Catalogação de Assunto, que representa uma contribuição para a Representação e Organização da Informação, mais especificamente ao Tratamento Temático da Informação (TTI).

A carência de um parâmetro teórico metodológico no processo de análise de assunto em contexto de bibliotecas universitárias e das ações subjetivas do catalogador de assunto decorrente da falta de um instrumento de padronização da atividade profissional, o que nos levará a uma não uniformidade, para representar os assuntos identificados nos documentos analisados.

A identificação de conceitos é feita por meio da leitura documental e é considerado um processo complexo e subjetivo, devido às dificuldades encontradas pelo profissional em determinar assuntos de diversas especificidades e muitas vezes considerado implícito, o que causará ruídos e silêncios na recuperação da informação e pode ser justificado pelas possíveis falhas no processo de indexação.

No entanto, a motivação para a realização desse estudo relaciona-se às atividades realizadas no âmbito do grupo de pesquisa: Organização e Representação de Arquivos e Bibliotecas (ORAB) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

E **justifica-se** pelo interesse decorrente da falta de normalização capaz de fornecer uma padronização na análise de assunto nas bibliotecas universitárias. Os resultados da aplicação do Protocolo Verbal Individual para discussão das diretrizes pretendem auxiliar aos estudos de validação de um instrumento de ensino para discente de Biblioteconomia e capacitação para os profissionais envolvidos e ligados ao projeto da pesquisadora Prof^a Dr^a Franciele Marques Redigolo.

Partindo dessas premissas, acredita-se que a opinião e visão profissional são de grande importância para à validação de instrumentos direcionados a realização do tratamento temático da informação. E é necessário que os Bibliotecários que lidam com o TTI dominem técnicas para representação e organização, procurando sempre tornar a informação desejada acessível ao usuário.

Neste contexto, buscaram-se subsídios para a Ciência da Informação (CI) e mais especificamente para a Biblioteconomia, no que se refere ao TTI com destaque à análise de assunto. O tratamento de conteúdo objetiva proporcionar acessibilidade temática do conteúdo dos documentos por suas representações condensadas.

Com base em diversos autores tais como, Kobashi (1994) na necessidade da análise de assunto para representar o conteúdo dos documentos. Fujita (1999) e Fujita, Nardi e Fagundes (2003) utilizaram o método do “protocolo verbal” como instrumento de coleta de dados, observando que o indexador utiliza estratégias metacognitivas para a identificação de conceitos Dias e Naves (2007), Fujita (2003), ISO 5963 (1985) e Redigolo (2014) para o embasamento teórico sobre a Análise de Assunto e Redigolo (2010, 2014) que aponta empecilhos que ocorriam com os Catalogadores e afetavam diretamente o processo da Análise de Assunto também com a metodologia utilizada nessa pesquisa.

Segundo Hutchins (1978 *apud* DIAS E NAVES, 2007, p. 19) o autor afirma “encontrar grande quantidade de literatura sobre a construção de linguagens de indexação e sistemas de classificação, sobre os princípios de classificação, sobre a correta formulação de entrada de índice e sistemas de informação. Mas pouco é encontrado sobre como indexadores decidem qual é o assunto do documento”.

Conforme verificado na citação do autor supracitado, pouco se tem encontrado sobre metodologias atualizadas que os catalogadores utilizam para selecionarem os assuntos do documento.

Considerando a lacuna identificada, relativo a poucos estudos sobre como os indexadores decidem qual é os assuntos mais relevantes de um documento, o estudo abordará o seguinte **problema** para o desenvolvimento desta pesquisa: centra-se na necessidade de estudo de metodologias normativas para a análise de assunto na catalogação de assunto.

Por meio desta pesquisa, **propõe-se** colaborar com discussões sobre as diretrizes de Análise de Assunto na Catalogação em bibliotecas universitárias, desenvolvido por Redigolo (2014, p. 207) com seis catalogadores de bibliotecas universitárias com o uso da técnica do protocolo verbal e as observações do pesquisador, com o intuito de servir futuramente como instrumento de ensino e capacitação para os profissionais.

Com a proposta definida acima, esta pesquisa teve como **objetivo geral** alcançar discussão de aprimoramento sobre metodologia de representação de conteúdo de documentos no âmbito universitário a partir do contexto sociocognitivo dos catalogadores. E possui os seguintes **objetivos específicos**:

a) Estudar na literatura sobre o contexto sociocognitivo do catalogador na catalogação de assunto; análise de assunto e o estudo de normalização para representação de assunto.

b) Investigar a estrutura das diretrizes de Análise de assunto a partir da aplicação Protocolo Verbal Individual com seis catalogadores da UFPA.

c) Colaborar na discussão para validação das Diretrizes de Análise de Assunto como um instrumento capaz de fornecer uma padronização na análise de assunto nas bibliotecas universitárias.

Do ponto de vista metodológico, este estudo enquadra-se como pesquisa de caráter teórico-prático, tendo como abordagem qualitativa descritiva, pois seu desejo é conhecer as estratégias desenvolvidas pelo catalogador de assunto com base nas experiências.

A parte prática da pesquisa se iniciou com a aplicação do Protocolo Verbal Individual (PVI) com seis catalogadores em bibliotecas universitárias para a leitura e discussão do texto de Redigolo (2014, p. 207), intitulado “Diretrizes de análise de assunto na catalogação em bibliotecas universitárias”.

O catalogador é o nosso universo amostral, a partir dos discursos enunciados publicamente pelo profissional em cima do texto foi registrado no gravador portátil e posteriormente analisado.

O propósito da aplicação do PVI é saber o que realmente o bibliotecário pensa na hora da catalogação, sem estar preocupado se vai acertar ou errar, por isso foi feita a familiarização da técnica antes da aplicação.

A seguir apresenta-se o quadro 1 fazendo uma relação entre os objetos específicos com os capítulos abordados nesta pesquisa.

Quadro 1 – Relação entre os objetivos específicos e os capítulos desta pesquisa.

Problema: Necessidade de estudo de metodologias normativas para a análise de assunto na catalogação de assunto.	
Objetivo geral: alcançar discussão de aprimoramento sobre metodologia de representação de conteúdo de documentos no âmbito universitário a partir do contexto sociocognitivo dos catalogadores.	
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CAPÍTULOS
Objetivo específico 1: Estudar na literatura sobre o contexto sociocognitivo do catalogador na catalogação de assunto; análise de assunto e o estudo de	Capítulo 2: CATALOGAÇÃO DE ASSUNTO NO TRATAMENTO TEMÁTICO DA INFORMAÇÃO

normalização para representação de assunto.	Capítulo 3: O PROCESSO COGNITIVO E O ESTUDO SOBRE NORMALIZAÇÃO NA ANÁLISE DE ASSUNTO.
Objetivo específico 2: Investigar a estrutura das diretrizes de Análise de assunto a partir da aplicação Protocolo Verbal Individual com seis catalogadores da UFPA.	Capítulo 4: METODOLOGIA. Capítulo 5: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 5.1 Resultados e discussões gerais dos Protocolos Verbais Individuais
Objetivo específico 3: Colaborar na discussão para validação das Diretrizes de Análise de Assunto como um instrumento capaz de fornecer uma padronização na análise de assunto nas bibliotecas universitárias.	Capítulo 5: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 5.2 Apresentação dos Pontos Fortes e Fracos

Fonte: Elaborado pelo autor.

Após o capítulo de introdução, o capítulo 2 apresenta o referencial teórico sobre a catalogação de assunto no tratamento temático da informação, contextualizando a indexação e catalogação de assunto, conceituando e sistematizando as etapas indexação no contexto de bibliotecas universitárias, dando ênfase à primeira etapa denominada análise de assunto e seus processos.

Na sequência, o capítulo 3, apresenta revisão de literatura sobre os processos cognitivos que influenciam na catalogação de assunto e a necessidade de um estudo sobre normalização na análise de assunto e por fim, apresenta uma breve apresentação das diretrizes da análise de assunto.

No capítulo 4, demonstram-se a metodologia que foi utilizada para a coleta e a análise dos dados coletados com os Bibliotecários Catalogadores em Bibliotecas Universitárias. A metodologia compreende a técnica de coleta de dados do Protocolo Verbal Individual.

O quinto capítulo apresenta os resultados, com a discussão da estrutura das diretrizes em contexto das bibliotecas universitárias da UFPA. Em seguida mostra os pontos fortes e fracos da diretriz analisada.

O sexto capítulo expõe as considerações finais e, na sequência, as referências utilizadas para o embasamento teórico do trabalho. O presente Trabalho de Conclusão de Curso finaliza-se com 9 apêndices e 3 anexos, utilizados para a realização da parte metodológica da pesquisa.

2 CATALOGAÇÃO DE ASSUNTO NO TRATAMENTO TEMÁTICO DA INFORMAÇÃO

Este capítulo tem o propósito de discutir aspectos teóricos do tratamento temático da informação em Bibliotecas Universitárias com enfoque na catalogação e na análise de assunto, mediante revisão de literatura. Para alcançar esse propósito, o capítulo divide-se em um tópico principal denominado Catalogação de assunto no contexto de BU, e dentro do mesmo temos o processo de análise de assunto.

Desde os primórdios da civilização, o homem sempre utilizou elementos para representar a sua realidade. Representando, criamos uma relação entre o que se apresentou e o signo, num ato de substituição, mas não pode deixar de ser um gesto de conhecimento (PINTO, 2010 *apud* LIMA; ALVARES, 2012). Assim, o ser humano utiliza o idioma como recurso permitindo a transmissão do conhecimento.

Para isso, é necessário que os interlocutores tenham comum entendimento da língua, caso contrário o conhecimento era perdido. Consequentemente, com o surgimento da escrita, como um importante elemento de representação registrada do saber passou a promover à disseminação do conhecimento independente do tempo. Contudo, no século XX houve à explosão documental, devido ao excesso de informação registrada.

A Informação é a causa primeira para produzir conhecimento, quando chega ao cérebro e impacta os neurônios. Então começam a acontecer, de forma sucessiva e simultânea... processos de percepção, apreensão, análise, classificação, arquivo em memória, avaliação que constituem o conhecimento pessoal, subjetivo e condicionado pelo substrato individual e cultural de cada indivíduo. Numa elaboração mental posterior, mais complexa, o conhecimento passa a constituir as ideias, linhas de pensamento. Essas são as que voltam a se converter em informação útil quando surge a ocasião (CURRÁS, 2010, p. 24-25).

Conforme verificado na citação, a informação gera conhecimento que por sua vez se converte em informação útil. Surgindo desta forma a necessidade de organização desse conhecimento.

As universidades contribuem para a geração de novos conhecimentos por meio do tripé: do ensino, da pesquisa e da extensão, a biblioteca universitária, pelo uso do catálogo online, torna-se um veículo importante para disponibilizar e divulgar o que é produzido, participando e interagindo com toda a comunidade acadêmica.

Fujita (2005, p. 98) explica que “em seu contexto, a biblioteca universitária é um sistema de informação que é parte de um sistema mais amplo, que poderia ser chamado

sistema de informação acadêmico, no qual, a geração de conhecimentos é o objeto da vida universitária”.

O papel da biblioteca universitária é atender as necessidades informacionais da comunidade acadêmica, assim, a biblioteca universitária caracteriza-se por centrar “[...] seus objetivos nas necessidades informacionais do indivíduo, membro da comunidade universitária” (KLAES, 1991, p.14) difundindo o conhecimento e tornando acessível todo o tipo de informação que venha contribuir na formação profissional, científica e cultural da comunidade, potencializando o processo de transformação da informação em conhecimento.

Na medida em que novos conhecimentos viram registros, torna-se essencial garantir o acesso à informação contida neles, através da atividade de indexação que pode ser resumida como uma representação do assunto do documento, com vistas à recuperação da informação nela contida.

Nesse sentido, a CI é uma área de estudos que centra esforços para a organização, representação e recuperação da informação. Nesse capítulo será dada ênfase ao processo de representação mais especificadamente ao TTI. Tendo como objetivo a organização e posteriormente a mediação entre o conteúdo documental e os usuários potenciais e reais, ou seja, o processo de recuperação.

Para Fujita (2003), a organização da informação compreende as atividades e operações do tratamento da informação, envolvendo para isso o conhecimento teórico e metodológico disponível tanto para o tratamento descritivo do suporte material da informação quanto para o tratamento temático de conteúdo da informação.

O tratamento da informação divide-se em duas formas, ambas são complementares e desempenham papel fundamental para a representação de um documento, facilitando o acesso informacional, a primeira o Tratamento Descritivo da Informação (TDI) ou de forma, Segundo Guimarães (2003, p. 102) “a análise formal é relativa ao processo de descrição bibliográfica (catalogação) com o objetivo de criar registros. Trata-se, pois, da análise e representação dos aspectos extrínsecos do documento para fins de identificação e localização”. Logo, o TDI procura descrever fisicamente o documento visando identificar, localizar e posterior recuperar os dados relacionados aos aspectos extrínsecos como: autor, título, subtítulo, editora, local, ano de publicação entre outros dados que poderão mudar de acordo com a obra que o catalogador tenha em mãos, representando assim o documento de forma “clara, sucinta e padronizada, de modo a torná-lo único e identificável” (FLAMINO; SANTOS, 2004).

Já a segunda forma denominada TTI ou de conteúdo, visa descrever os aspectos intrínsecos, porém não possui diversos instrumentos que auxiliam o profissional descrever fidedignamente, diferente do TTD que possui o Código de Catalogação Anglo Americano 2º edição, revisada (AACR2), e o formato *Machine Readable Cataloging* (MARC21) que são instrumentos que permitem representar um documento.

O TTI como uma das principais atividades no contexto de biblioteca universitária, se consolidou a partir de três vertentes, sob a ótica de Guimarães (2007 *apud* DAL'EVEDOVE, 2010, p. 85):

Tradicionalmente o tratamento temático da informação consolidou-se a partir de três vertentes de pensamento, entre elas a Subject Cataloging, Indexing e a Analyse Documentaire. A concepção norte-americana denominada da Subject Cataloging assenta-se numa abordagem mais pragmática da área, sendo o catálogo o produto do tratamento temático da informação em contexto de bibliotecas. Esta concepção norteamericana foi preconizada a partir dos marcos: a) princípios estabelecidos por Charles Ammi Cutter (1962) para a catalogação alfabética e; b) decorrente influência da tradição das listas de **cabeçalhos de assunto**¹ construídas pela Library of Congress estadunidense.

A perspectiva de linha inglesa denominada Indexing e a Análise Documental de corrente francesa são consideradas como processos idênticos, considerando-se a **análise de assunto** à fase inicial do processo. Sua preocupação é de natureza mais teórica relativa à construção de linguagens documentais, delimitando os índices enquanto produtos decorrentes (GUIMARÃES, 2007).

Essas distintas correntes teóricas encontram-se na Organização e Representação do Conhecimento (ORC) em bastante interlocução, principalmente no âmbito da *International Society for Knowledge Organization* (ISKO) que tem por objetivo: “buscar por consolidação e visibilidade junto à comunidade científica internacional que tem na ISKO sua principal sociedade científica formada por capítulos nacionais e internacionais de diversos países que agregam seus pesquisadores como associados” (FUJITA, 2008, p. 1). De acordo com essa explanação, a seguir iremos abordar a catalogação de assunto no contexto de BU.

¹ As listas de cabeçalhos de assunto são organizadas em ordem alfabética, constituindo-se em extensas compilações dos cabeçalhos utilizados nas bibliotecas que servem de guia aos profissionais. Por sua vez, “foram construídas para instrumentalizar a indexação de assuntos de documentos, que seriam registradas em fichas catalográficas para compor o catálogo alfabético de assunto” (NOVELLINO, 1996, p.39).

2.1 Catalogação de assunto no contexto de bibliotecas universitárias

Esse primeiro tópico apresenta uma breve contextualização entre as vertentes como abordado anteriormente e definindo alguns conceitos necessários para contribuir com discussões para o TTI.

Ao longo da evolução da Organização e representação da informação, foram se estabelecendo três correntes teóricas entre elas a indexação, catalogação de assunto e análise documentária. Tais vertentes permitem que o conteúdo documental seja representado. Para Robredo (2005, p. 165) a indexação consiste em “indicar o conteúdo temático de uma unidade de informação, mediante a atribuição de um ou mais termos (ou códigos) ao documento, de forma a caracterizá-lo de forma unívoca”.

Conforme verificado na citação de Robredo, a indexação é uma operação que consiste em descrever o conteúdo documental. Já a catalogação de assunto, é caracterizada por alguns autores da área como Boccato; Fujita (2010), Dal'Evedove; Fujita (2008), Gerhardt (2006), Fujita (1999 e 2004), Reis (2012) e Redigolo (2010 e 2014) como sendo a ação de identificar e representar o conteúdo do documento para que ele se torne disponível em um sistema de recuperação da informação.

Silva e Fujita (2004, p. 142) esclarecem que: “a origem do termo catalogação de assuntos está ligada à construção dos catálogos de bibliotecas, principalmente, do catálogo de assunto que é organizado mediante determinação de cabeçalhos de assunto”.

Segundo Fujita (2013, p. 149) a origem das correntes teóricas:

Tiveram desenvolvimentos próprios em ambientes institucionais e tipologias documentárias diferentes além de áreas de assunto mais especializadas no caso da indexação. Assim, a indexação é realizada em serviços de indexação e resumos com artigos de periódicos e documentação científica em geral e a catalogação de assuntos em bibliotecas com livros e documentação publicada convencionalmente.

Diante disso, inferimos que a indexação pertence à corrente teórica inglesa e desenvolvida em contextos especializados, já a catalogação de assunto apresenta influências norte-americanas em contexto de bibliotecas, como as bibliotecas universitárias, embora ambas sejam consideradas conceitualmente como equivalentes, elas geram produtos diferentes devido serem desenvolvidas em contextos diferentes.

A indexação e a catalogação apresentam um objetivo comum: a de definir os assuntos de um documento, porém seus produtos finais se diferenciarão. A indexação se obtém o índice de assuntos e a catalogação terá o catálogo como produto. Nesse sentido, a catalogação tem por objetivo:

1. Prover acesso por assunto a todo material mais relevante;
2. Prover acesso por assunto aos materiais através de todos os princípios de organização dos assuntos, por exemplo, assunto, processo, aplicabilidade, etc;
3. Reunir referências e materiais que tratem substancialmente do mesmo assunto, independentemente das disparidades na terminologia, ou disparidades resultantes de diferenças nacionais, diferenças entre grupos de especialistas e/ou da natureza mutável dos conceitos do próprio tema;
4. Mostrar as relações entre os campos de assunto, relações que podem depender das similitudes da matéria estudada, do método, ou do ponto de vista, ou do uso ou aplicação do conhecimento;
5. Prover uma entrada para qualquer campo do assunto, em qualquer nível de análise, da mais geral a mais específica;
6. Prover uma entrada através de qualquer terminologia comum a qualquer grupo considerável de usuários, especialistas ou leigos;
7. Prover uma descrição formal do conteúdo do assunto para qualquer unidade bibliográfica nos termos mais precisos, ou específicos, possíveis, esteja a descrição em forma de uma palavra ou frase breve, ou em forma de um número de classificação ou símbolo;
8. Prover meios para o usuário selecionar entre todos os itens de uma categoria particular, de acordo com qualquer conjunto de critérios escolhido, tais como: mais abrangente, mais recente, mais elementar, etc.) (SHERA; EDGAN, 1969, p. 20 *apud* MEY, 1995, p. 69).

Assim, a catalogação irá gerar o Catalogo do grego *kata* ('de acordo com', 'sob', 'em baixo', ou 'parte') e *logos* ('ordem', 'razão') (MEY, 1995, p. 8). Na visão da mesma autora, pode-se definir catálogo como: "um canal de comunicação estruturado, que veicula mensagens contidas nos itens, e sobre os itens, de um ou vários acervos, apresentando-as sob forma codificada e organizada, agrupadas por semelhanças, aos usuários desse (s) acervo (s)" (MEY, 1995, p. 9).

O processo de construção dos catálogos de assunto é composto por diferentes etapas, cujo número varia de acordo com cada autor. Para Gil Leiva (2008, p. 247) o autor identifica até quarto e cinco etapas, conforme o quadro abaixo.

Quadro 2 – Etapas do processo de indexação.

Quatro etapas	a) Conhecimento do conteúdo conceitual do documento; b) Extração dos conceitos em linguagem natural; c) Tradução desses conceitos com a linguagem documental, e d) Busca de outros conceitos pertinentes não expressados pelo autor	Dijk & Slype (1972, p.105)
	a) Contato com o documento; b) Identificação dos conceitos explícitos e implícitos do documento, c) Tradução dos conceitos expressados em linguagem natural por descritores, d) Estabelecimento de ligações sintáticas entre os descritores	Slype (1991, p.116)
Cinco ou mais etapas.	a) Revisão dos objetivos desta operação, se necessário, b) Conhecimento prévio do documento, c) Determinação de seu tema principal, d) Identificação dos elementos do conteúdo que se devem	Guinchat & Menou (1983, p. 179)

	descrever e a extração dos termos correspondentes, e) Verificação da pertinência dos termos selecionados, f) Tradução dos termos da linguagem natural pelos termos correspondentes da linguagem documental, se procede, g) Verificação da pertinência desta descrição, e h) Formalização da descrição quando o sistema prevê regras especiais de apresentação ou de redação	
--	---	--

Fonte: Gil Leiva (2008, p. 247).

Contudo, as etapas tratam basicamente das mesmas operações, elas são: análise, síntese e representação.

ANÁLISE: etapa inicial feita pelo catalogador de assunto durante a leitura técnica² e norteadas por uma política de indexação, com o objetivo de compreender o conteúdo documental para poder identificar e selecionar os conceitos representativos. Nesse sentido, essa etapa é considerada altamente subjetiva podendo influenciar a tomada de decisão.

SÍNTESE: “visa a chegar a conceitos/palavras-chave capazes de traduzir o conteúdo do discurso analisado. Procede-se, então, em primeiro momento, a uma seleção e depois, a uma fixação desses conceitos/palavras-chave” (CUNHA, 1989, p. 60).

REPRESENTAÇÃO: o processo finaliza com a etapa de representação, a representação ocorre por meio da utilização da linguagem documental, a qual atribui a normalização das normalizadas unidades conceituais presentes no texto original pela indexação e classificação KOBASHI, (1994 *apud* DAL’ EVEDOVE; FUJITA, 2012, p. 127).

Assim, a análise de assunto é considerada primordial para que as outras etapas sejam executadas de forma eficiente. Diante disso, o próximo tópico irá tratar da análise de assunto como etapa indispensável para realizar as atividades ligadas ao tratamento temático da informação.

2.1.1 O processo de análise de assunto de documentos

A análise de assunto é considerada primordial para que as outras etapas sejam executadas de forma eficiente, e ela inicia-se pela leitura documentária. Para Dias, Naves e Moura (2001, p. 207) “a análise de assunto é uma das tarefas mais complexas em um sistema de recuperação da informação e começa com o próprio conceito do que seja o assunto de um documento”.

² Leitura técnica: leitura das “partes” do documento que são consideradas importantes e que garantam que nenhuma informação foi negligenciada. Essas partes correspondem a: título, subtítulo; resumo se houver; sumário; introdução; ilustrações, diagramas, tabelas e seus títulos explicativos; palavras em destaque e referências bibliográficas (CHAUMIER, 1988; ABNT, 1992; UNISIST, 1981; FUJITA, 2003).

Colaborando com essa ideia, Naves (2001) apresenta que a primeira etapa deste processo envolve a leitura, ou seja, é no início do processo de análise de assunto que a inferência do profissional pode ser maximizada, pois o nível de subjetividade é maior, bem como o nível de compreensão de leitura.

Para a análise de assunto a compreensão acontece no primeiro momento do processo de análise, durante a leitura profissional, pois segundo Dias e Naves (2013) é durante a leitura que a informação é assimilada na mente do leitor, à vista disso é que os conteúdos são processados, compreendidos e possivelmente interpretados. É no momento da leitura que são ativados os conhecimentos já existentes na cognição do catalogador

Moreiro González (2004, p. 45, tradução nossa), apresenta uma série de táticas que o Catalogador deve ter para obter os conceitos fundamentais durante a leitura de um documento:

- O tema principal corresponde com o título?
- Poderia dar ao documento um título alternativo?
- Quais são os objetivos determinados pelo autor?
- Descreva em cinco linhas o perfil do assunto, marcando a divisão temática que o texto apresente. Muitas vezes aparecerá em subtítulos, outras vezes deverá identificar os diferentes subtextos em que se divide a superestrutura.
- Localizar as palavras-chave de um texto para extrair a superestrutura e seguir o raciocínio do autor. Identificar os pontos que contém a ideia principal de cada parágrafo do texto.
- Logo, esquematiza-se um plano do texto (pontos que contém as ideias principais de cada parágrafo).
- Destacou-se alguma coisa? Em particular alguma expressão sublinhada? - Buscar palavras-locuções que possuem ligações, existe ligações lógicas?

De acordo com as táticas apresentadas por Moreiro González (2004) para obter os conceitos durante a leitura e Cintra (1987, p.31, grifo nosso) corrobora afirmando que “[...] o leitor que domina as **superestruturas textuais**, capta com mais facilidade as ideias centrais do texto, pois tem como parâmetro à identificação dos constituintes básicos”. Conhecimento relacionado à estrutura textual proporciona ao leitor à localização precisa de conceitos válidos com intuito de identificar as informações relevantes.

Nesse sentido, a seguir será apresentada a revisão de literatura sobre os processos cognitivos que influenciam na catalogação de assunto e a necessidade de um estudo sobre normalização na análise de assunto e por fim, apresenta uma breve apresentação sobre as diretrizes da análise de assunto.

3 O PROCESSO COGNITIVO E O ESTUDO SOBRE NORMALIZAÇÃO NA ANÁLISE DE ASSUNTO.

Este capítulo tem o propósito de discutir aspectos teóricos sobre os processos cognitivos e a necessidade da normalização na análise de assunto em Bibliotecas Universitárias, mediante revisão de literatura. Logo, para alcançar esse propósito, o capítulo divide-se em três principais tópicos onde o primeiro aborda os processos cognitivos durante a análise de assunto em contexto de Bibliotecas Universitárias, o segundo refere-se às normas técnicas que auxiliaram na discussão de um estudo sobre normalização na análise de assunto e o último aborda uma breve apresentação das diretrizes de análise de assunto.

Esse trabalho não busca aprofundar com pesquisas da área da Psicologia Cognitiva, e sim auxiliar com discussões dos aspectos sociocognitivos que podem auxiliar para a compreensão da subjetividade presente nas ações do profissional e inerente ao tratamento temático da informação apreendidos pela metodologia do Protocolo Verbal Individual que tem como característica a apreensão dos processos mentais dos sujeitos.

A partir do princípio discutido no capítulo anterior, a indexação e a catalogação de assunto são atividades subjetivas e que estão sujeitas a inferências cognitivas do catalogador, o estudo e a elaboração de normas e metodologias são vistos como essenciais e necessários para o bom desenvolvimento da área, pois podem amenizar fatores subjetivos determinantes para a análise de assunto.

A análise de assunto é considerada primordial para que as outras etapas sejam executadas de forma eficiente, e ela inicia-se pela leitura documentária e vai além das palavras escritas nos seus mais variados tipos de suportes físicos, não se restringindo somente a decifrar os códigos linguísticos. Para Martins (1994) existem duas perspectivas de leitura, a primeira considerada “Behaviorista-skinneriana” caracterizada pela simples codificação mecânica dos signos gráficos. Já a outra é “cognitivo-sociológica” caracterizada por um processo de compreensão mais complexa do texto.

Pensando dessa forma, a primeira perspectiva irá ter como produto o sujeito leitor e o segundo o verdadeiro leitor, aquele que tem o gosto pela leitura. Para Satre (1961 *apud* MARTINS, 1994, p.17), “o conhecimento da língua não é suficiente para efetivar a leitura”. Alguns elementos são necessários para que se efetue a leitura, dentre eles uma boa iluminação, uma boa fonte (letras), domínio do assunto para compreender o texto, além da linguagem que carregamos na nossa mente. Diante disso, é necessário abordarmos os

processos cognitivos durante a análise de assunto, a seguir iremos apresentar os processos cognitivos na análise de assunto em contexto de Bibliotecas Universitárias.

3.1 Processo cognitivo na análise de assunto em contexto de Bibliotecas Universitárias

O contexto sociocognitivo é abordado notadamente em pesquisas em Ciência da Informação de autores como Fujita (2004); Fujita, Rubi e Boccato (2009); Dal' Evedove (2010); Fujita, Dal' Evedove (2010); Martinho (2010); Redigolo (2010 e 2014); Dal' Evedove e Fujita (2012).

Desta forma, a Psicologia Cognitiva é a disciplina que estuda os processos cognitivos realizados durante a indexação, como a percepção sensorial da informação, a aprendizagem, a memória ou a capacidade de raciocínio. Assim, as operações mentais realizadas pelos bibliotecários indexadores quanto à recepção seletiva da informação, a sua codificação simbólica, o seu armazenamento e recuperação, denomina-se processo cognitivo.

No que se refere ao tratamento temático da informação, a indexação é uma atividade intelectual que depende da cognição para realizar a identificação e seleção dos conceitos principais e periféricos que um determinado documento e posterior transcrição desses conceitos para o léxico de um vocabulário controlado.

No âmbito da ORC, a identificação de conceitos é realizada por meio da leitura documental, ler para Soares (2016, p. 48): “é um conjunto de habilidades e comportamentos que se estendem desde simplesmente decodificar sílabas ou palavras até ler *Grande Sertão Veredas* de Guimarães Rosa”. Assim, ler é um conjunto de habilidades, comportamentos e conhecimentos. Segundo Moraes (1996, p.15) existem várias maneiras de compreender um texto:

Compreender o texto de maneira diferente da nossa, não é necessariamente porque se engana ao decodificar os signos gráficos, mas, muitas vezes, porque as palavras lidas ativam um universo mental, conhecimentos e processos de raciocínio que não correspondem exatamente aos nossos.

Desse modo, um mesmo conteúdo pode ser compreendido de formas diferentes, logo o leitor atribui significado ao texto a partir das suas competências lexicais, ou seja, o conhecimento do sentido das palavras escritas. Corroborando com isso, Moraes (1996, p.13) afirma:

Não lemos todo um mesmo texto da mesma maneira. Há leituras respeitadas, analíticas, leituras para ouvir as palavras e as frases, leitura para reescrever, imaginar, sonhar, leituras narcisistas em que se procura a si mesmo, leituras

mágicas, em que seres e sentimentos inesperados se materializam e saltam diante de nossos olhos espantados.

A leitura para fins documentários exige que o leitor-indexador utilize de estratégias, segundo Kato (1987) distingue dois tipos de estratégias que definem o comportamento do leitor: as *estratégias cognitivas* que são aquelas que automáticas e subconscientes utilizadas durante a leitura fluida e as *estratégias metacognitivas* que são conscientes do leitor frente a um problema.

Exemplificando as ideias de Kato (1987), a leitura rápida e fácil de um documento é considerada como uma atividade cognitiva, quando a leitura é interrompida e o leitor decide voltar para compreender o sentido do texto, essa estratégia é considerada como metacognitiva.

A prescrição sóciocognitiva supõe que a mente humana elabora e padroniza universos de experiência enquanto interage com o ambiente externo, e esta capacidade é o pré-requisito essencial para o desenvolvimento da inteligência e a aquisição de novos conhecimentos com base em outros já existentes (GERHARDT, 2006, p.1186).

Fujita, Rubi e Boccato (2009) apontam que a abordagem sóciocognitiva “[...] tem como foco o sujeito que realiza uma determinada atividade e sua cognição em relação ao seu contexto de produção”. Tal enunciado demonstra que o contexto sóciocognitivo torna-se fundamental no tratamento temático da informação, especificamente em análise de assunto, visto que esta condiciona os resultados da estratégia de busca e da recuperação da informação. Nesse sentido, o próximo tópico irá tratar da subjetividade do catalogador de assunto.

3.1.1 Subjetividade do catalogador de assunto

A catalogação de assunto é uma atividade complexa e subjetiva que pode ser realizada sob diversas perspectivas; o Catalogador infere sobre o assunto, usando a sua maneira de interpretação.

Segundo Redigolo (2014, p. 23) ressalta-se que muitos são os fatores que inferem na análise de assunto e este é um universo carente de estudos e aprofundamentos teóricos e práticos, que reflete diretamente na representação como ponte entre o usuário e o acervo documentário. A seguir, apresentamos o quadro 3 contendo os fatores que podem afetar a qualidade da indexação, apontados por Redigolo (2014).

Quadro 3 – Fatores que podem afetar a qualidade da indexação

Fatores ligados ao indexador	Conhecimento do assunto
	Experiência
	Concentração
(FATORES SUBJETIVOS)	

	Capacidade de leitura e compreensão
	Profissionalidade (GIL LEIVA, p. 74)
Fatores ligados ao vocabulário	Especificidade/Síntese
	Ambiguidade ou imprecisão
	Qualidade do vocabulário de entradas
	Qualidade da estrutura
	Disponibilidade de instrumentos auxiliares afins
Fatores ligados ao documento	Conteúdo temático
	Complexidade
	Língua e Linguagem
	Extensão
	Apresentação e sumarização
Fatores ligados ao processo	Tipo de indexação
	Regras e instruções
	Produtividade Exigida
	Exaustividade da indexação
Fatores ambientais	Calefação/Refrigeração
	Iluminação
	Ruído

Fonte: Redigolo (2014).

Todos esses fatores formam o contexto sociocognitivo que envolve o catalogador, sobretudo por sociocognitivismo entendem-se todos os conhecimentos que estão armazenados na memória do indivíduo, que para Koch (2002) é denominado como “actantes sociais”, eles são:

Quadro 4 – Actantes Sociais

ACTANTES SOCIAIS:	- conhecimento linguístico,
	- conhecimento enciclopédico,
	- conhecimento da situação comunicativa e de suas regras,
	- conhecimento superestrutural,
	- conhecimento estilístico; e
	- conhecimento de outros textos (intertextualidade).

Fonte: Koch (2002).

Todos esses actantes sociais apresentados no quadro 4 são utilizados como estratégias pelo catalogador de assunto no momento da descrição temática (KOCH, 2002, p. 24).

Colaborando com isso, Redigolo e Almeida (2012, p. 17) afirmam que o catalogador não representa em completa neutralidade, pois “infere sobre o assunto, usando à sua maneira de interpretação, a sua experiência e comprova seus hábitos de executar a análise de assunto no momento da representação”.

Além dos contextos cognitivos que envolvem a análise de assunto, os aspectos normativos são de grande importância, diante disso, o próximo tópico irá abordar um panorama de normas técnicas.

3.2 Normas técnicas

Diferente da área de tratamento descritivo, o tratamento temático da informação é considerado carente de instrumentos e metodologias eficazes atualizados. Assim, é necessário fazer estudos voltados para a normalização de práticas profissional na área do TTI.

Na concepção de Gil Leiva (2008, p. 83) normalizar é uma operação, ou um conjunto de operações que incluem “aspectos cognitivos, de formação, intelectuais e subjetivos”. Infere-se que normalizar significa estabelecer um conjunto de atividades, tornando-se uma tarefa complexa, pois são diretrizes destinadas a profissionais, construídas a partir de conhecimentos, opiniões e preferências.

Desde a metade dos anos sessenta existem trabalhos que tratam de explicar como indexar documentos. Alguns desses trabalhos procedem de iniciativas particulares ou de grandes instituições estatais (UNESCO, Centro Nacional de Informação Científica e Técnica russa, Centro de Documentação da NASA, a Biblioteca Nacional de Medicina dos EUA, etc.). Essas políticas perseguiam, entre outros aspectos, a aplicação de aspectos homogêneos em regras de indexação (GIL LEIVA, 2008, p. 83).

A primeira norma datada de 1978 foi desenvolvida pelo Comitê Técnico de Documentação da ISO e da UNESCO, a norma francesa NF Z 47-102: ***Principes Généraux Pour l'indexing des Documents*** (Princípios gerais para a indexação de documento), estruturada em 5 tópicos e mais dois anexos a norma propôs a identificação e seleção dos conceitos levando em consideração os aspectos de exaustividade e especificidade, porém ela não apresenta um aprofundamento de como deve ser realizado a extração desses conceitos da estrutura textual (GIL LEIVA; FUJITA, 2012).

Após 6 anos, surgiu a norma britânica - BS 6529: ***Recommendations for Examining Documents, Determining their Subjects and Selecting Indexing Terms*** (Recomendações para o exame documental, determinação dos assuntos e seleção dos termos de indexação), desenvolvido pela *British Standards Institution* (BSI) com o intuito de representação documentaria a norma expõe técnicas gerais para análise e identificação de conceitos, especialmente para que as agências que permutavam seus registros bibliográficos pudesse determinar o assunto de um documento de forma resumida. (GIL LEIVA; FUJITA, 2012).

Também em 1984, a norma cubana - NC 39-22: ***Indización Manual de Documentos*** (Indexação Manual de Documentos) não teve a mesma repercussão da norma britânica, e essa norma foi substituída em 2000 pela NC ISO 5963: ***Metodos para el Analisis de Documentos, Determinacion de su Contenido y Seleccion de los Terminos de Indizacion*** – Métodos para a

análise de documentos, determinação de seu conteúdo e seleção dos termos de indexação. (GIL LEIVA; FUJITA, 2012)

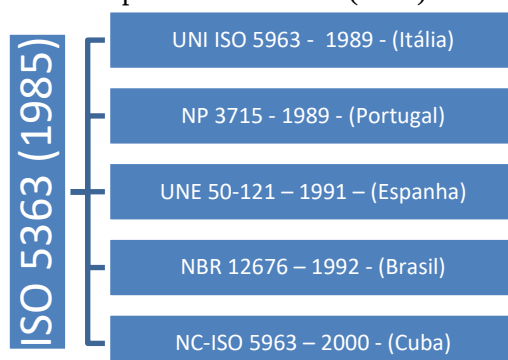
Um ano depois, em 1985 a *International Organization for Standardization* (ISO), baseando-se na norma francesa e na norma britânica, publicou a norma UNI ISO 5963: ***Documentation – Methods for Examining Documents, Determining their Subjects, and Selecting Indexing Terms*** (Documentação – Métodos para análise de documentos, determinação de assuntos e seleção de termos de indexação), UNI ISO 5963 indicou algumas partes essenciais para a análise do documento juntamente com questões que ajudassem a identificar os pontos no texto, tais como:

- qual o assunto de que trata o documento?
- como se define o assunto em termos de teorias, hipóteses, etc.?
- o assunto contém uma ação, uma operação, um processo?
- o documento trata do agente dessa ação, operação, processo, etc.?
- o documento se refere aos métodos, técnicas e instrumentos especiais?
- esses aspectos foram considerados no contexto de um local ou ambiente especial?
- foram identificadas variáveis dependentes ou independentes?
- o assunto foi considerado sob um ponto de vista interdisciplinar? (ISO, 1985).

Porém, a norma não apresenta em que parte textual o catalogador deve atentar para encontrar as respostas de cada questão, deixando de indicar a parte textual em que o catalogador obterá os resultados esperados. Assim, verificamos uma deficiência na norma visto que é impossível o profissional da informação realizar uma leitura completa do documento devido às condições desvantajosas em contexto de bibliotecas universitárias, como o tempo e a quantidade de serviços que tem que realizar.

A norma ISO 5363 de 1985 foi traduzida literalmente para diversos países e essas traduções são utilizadas até os dias atuais, Gil Leiva (2008) aponta que desde a ISO 5363 (1985), apenas foram feitas traduções ou interpretações não fiéis dessa norma, como observado no fluxograma abaixo.

Fluxo1: Normas traduzidas a partir da ISO 5363 (1985).



Fonte: Gil Leiva (2008, p. 84).

A norma italiana UNI ISO 5963: *Documentazione - Metodi Per L' Analisi dei Documenti, la Determinazione del Loro Soggetto e la Selezione dei Termini di Indicizzazione* (Documentação. Métodos para a análise de documentos, determinação de seu conteúdo e seleção dos termos de indexação) publicada em 1989 (GIL LEIVA; FUJITA, 2012).

Em seguida a norma portuguesa, NP 3715: *Documentação - Método para a Análise de Documentos, Determinação do seu Conteúdo e Seleção de termos de Indexação*. Elaborado pelo Instituto Português de Qualidade (IPQ) em 1989. Depois de dois anos, em 1991 foi publicada a norma espanhola, UNE 50-121: *Documentación. Métodos para el Análisis de documentos, Determinación de su Contenido y Selección de los Términos de Indización* (Documentação. Métodos para a análise de documentos, determinação de seu conteúdo e seleção dos termos de indexação) elaborado pela Asociación Española de Normalización y Certificación (AENOR) – Associação Espanhola de Normalização e Certificação (GIL LEIVA; FUJITA, 2012).

A norma Brasileira, NBR 12676: *Métodos para análise de Documentos – Determinação de seus Assuntos e Seleção de Termos de Indexação*, produzido pela Associação Brasileira de normas técnicas (ABNT) em 1992. Por fim, a última tradução da UNI ISO 5963 de 1985 foi a Norma Cubana, NC ISO 5963: *Metodos para el Analisis de Documentos, Determinacion de su Contenido y Seleccion de los Terminos de Indizacion*. (Métodos para a análise de documentos, determinação de seu conteúdo e seleção dos termos de indexação) desenvolvido pelo Comitê Técnico de Normalização em 2000 (GIL LEIVA; FUJITA, 2012).

Tendo como base as investigações de Gil Leiva (2008), Gil Leiva; Fujita (2012) e (ISO, 1985) nota-se a necessidade e pertinência de estudos voltados a estudar o processo de análise de assunto na catalogação, no intuito de suprir esta falta metodológica.

A necessidade de estudos e avanços normativos e metodológicos são significativos para a área de tratamento de conteúdo especificamente para a análise de assunto na catalogação. Assim, o próximo tópico irá abordar a estruturas das diretrizes de análise de assunto.

3.3 Apresentação das diretrizes de análise de assunto

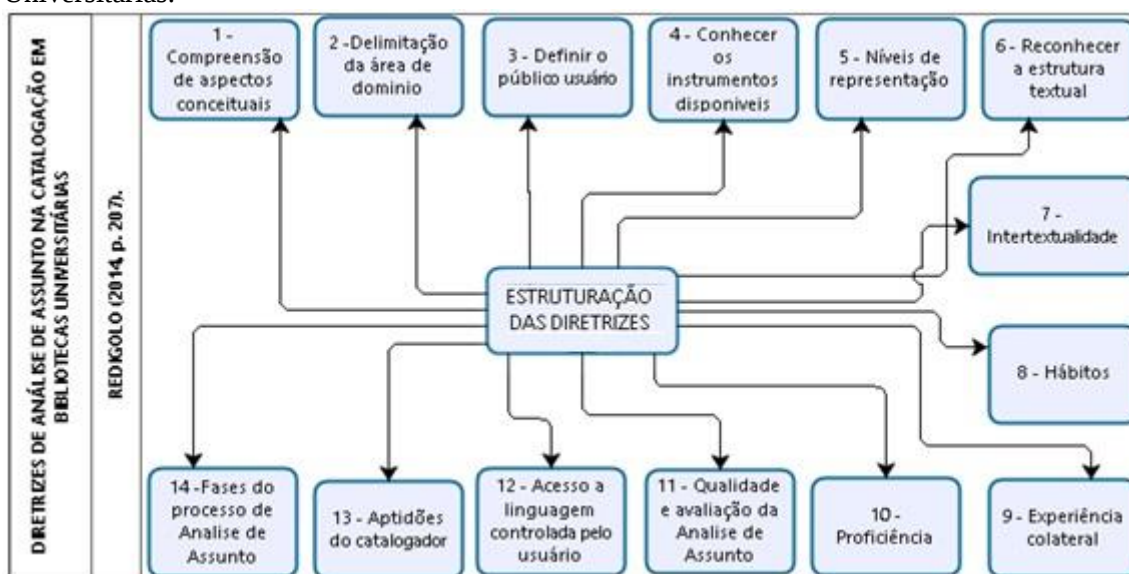
Esse tópico tem a função de identificar os elementos das diretrizes e sua importância para a análise de assunto. Como pode ser observado no tópico anterior, as normas existentes

não apresentam em que parte textual o catalogador deve atentar para encontrar as respostas de cada questão, deixando de indicar a parte textual em que o catalogador obterá os resultados esperados, e outras normas, apenas foram feitas traduções ou interpretações não fiéis, como observado no fluxograma 1.

Assim, verificamos uma deficiência na norma visto que é impossível o profissional da informação realizar uma leitura completa do documento devido às condições desvantajosas em contexto de bibliotecas universitárias, como o tempo e a quantidade de serviços que tem que realizar.

Diante disso, as diretrizes mostram-se de extrema importância enquanto instrumento auxiliar das normas dos procedimentos de análise de assunto, ela está estruturada em 14 categorias, conforme o fluxograma 2:

Fluxograma 2 – Estruturação das Diretrizes de Análise de Assunto na Catalogação em Bibliotecas Universitárias.



Fonte: Redigolo (2014, p. 207).

A análise dos aspectos perceptíveis da compreensão do catalogador sobre a realidade profissional em domínios específicos poderá apontar os pontos a serem melhorados e aperfeiçoados. A discussão das diretrizes de análise de assunto será apresentada no capítulo dos resultados desta pesquisa.

A seguir, será apresentada a metodologia do protocolo verbal adotada nessa pesquisa, onde foi possível observar as estratégias utilizadas pelos profissionais da informação dedicados em realizar de melhor maneira a análise de assunto em contexto de bibliotecas universitárias.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo nos dedicamos à descrição e análise detalhada da técnica de pesquisa qualitativa denominada técnica introspectiva do protocolo verbal. A metodologia está subdivida da seguinte forma: delimitação do universo da pesquisa, corpus da pesquisa, quadro identificando as bibliotecas onde foram coletados os dados, perfil dos sujeitos, a técnica, os procedimentos, as categorias para análise dos dados e a forma de análise dos dados.

A trajetória investigativa iniciará pela análise bibliográfica de obras que possam auxiliar numa possível compreensão teórica. Neste sentido, é importante informar que se adotara uma metodologia de caráter teórico-prático, com abordagem qualitativa descritiva, pois seu desejo é conhecer as estratégias desenvolvidas pelo catalogador de assunto com base nas experiências profissionais.

A biblioteca universitária foi selecionada como *corpus* para essa pesquisa, por esta apresentar uma evolução ao desempenhar o papel de apoiar, fomentar e estimular o desenvolvimento da ciência e a produção de conhecimento, portanto, a biblioteca deve ser um local de fácil acesso ao acervo. As bibliotecas universitárias em especial as da UFPA despertou o interesse para a pesquisa, devido às bibliotecas terem como missão: “Produzir, socializar e transformar o conhecimento na Amazônia para a formação de cidadãos capazes de promover a construção de uma sociedade sustentável” (UFPA, 2018, p. 45).

Foram selecionadas seis bibliotecas dentre as 25 bibliotecas da UFPA que compõe o Sistema de Bibliotecas (SIBI) no campus de Belém. No quadro abaixo, estão identificadas as bibliotecas onde foram feitas as coletadas dos dados.

Quadro 5 – Identificação Bibliotecas Universitárias selecionadas.

Bibliotecas	Área do conhecimento
Biblioteca 1	Saúde
Biblioteca 2	Humanas
Biblioteca 3	Exatas
Biblioteca 4	Saúde
Biblioteca 5	Humanas
Biblioteca 6	Exatas

Fonte: Elaborado pelo autor.

A parte prática da pesquisa se iniciou com a aplicação do protocolo verbal individual com seis catalogadores em bibliotecas setoriais da UFPA:

Quadro 6 – Seleção dos catalogadores para a coleta com o PVI.

Bibliotecas	Catalogadores	Ação realizada	Material para discussão
Biblioteca 1	Catalogador 1	Discussão da estrutura das diretrizes.	Diretrizes de análise de assunto na catalogação em bibliotecas universitárias (REDIGOLO, 2014, p.207).
Biblioteca 2	Catalogador 2		
Biblioteca 3	Catalogador 3		
Biblioteca 4	Catalogador 4		
Biblioteca 5	Catalogador 5		
Biblioteca 6	Catalogador 6		

Fonte: Elaborado pelo autor

Os sujeitos selecionados para essa pesquisa foram seis catalogadores para a leitura e discussão do texto de Redigolo (2014, p. 207), intitulado “Diretrizes de análise de assunto na catalogação em bibliotecas universitárias”.

A pesquisa foi realizada no âmbito profissional dos participantes, ou seja, a pesquisa foi realizada na própria biblioteca universitária, com a finalidade do bibliotecário ficar mais a vontade. Logo, os participantes não foram deslocados para a realização desta pesquisa.

As coletas iniciaram em outubro de 2016 e concluídas em novembro de 2017, nas dependências das bibliotecas universitárias selecionadas. As coletas de dados foram previamente agendadas pelo pesquisador de acordo com a disponibilidade de dia e horário de ambos, e em períodos ou horários diferentes das demais devido à coleta de dados ser de forma individual. Assim, o próximo tópico irá abordar a técnica do Protocolo Verbal.

4.1 Protocolo Verbal

Presente no âmbito das metodologias qualitativas, foi utilizado como recurso metodológico o instrumento de coleta de dados denominado de Protocolo Verbal ou Pensar Alto³.

Essa técnica é, segundo Nardi (1993) o único instrumento de coleta que possibilita observar processos do leitor durante compreensão de um texto, o que justifica a nossa escolha.

Protocolos verbais (PVs), também chamados de protocolos de pensar alto, são usados para fazer referência a verbalizações do pensamento, feitas por determinados indivíduos, durante o processamento de uma tarefa cognitiva. O objetivo principal de sua utilização é o de instruir sujeitos a verbalizarem seus pensamentos de modo que estes possam ser aceitos como dados válidos (BALDO, 2011, p.152).

³ *Think Aloud.*

Conforme verificado na citação acima, é imprescindível que o catalogador de assunto esteja constantemente verbalizando os seus pensamentos, para que o pesquisador possa observar a partir das estratégias cognitivas e metacognitivas dos profissionais como eles elaboram a descrição temática de um documento.

O desenvolvimento dessa investigação tem utilizado a modalidade nos moldes de Ericsson e Simon (1987 *apud* ESPINO, 2007), que denominamos de Protocolo Verbal Individual (PVI), no qual o sujeito é solicitado a pensar alto, e o pesquisador apenas o acompanha sem nenhuma intervenção ou comentário.

Técnica do protocolo verbal exige que o sujeito em análise esteja constantemente verbalizando seu pensamento. O fato de ser constantemente lembrado pelo pesquisador de que é necessário verbalizar todo o seu pensamento, pode ser considerado um fator negativo, porém necessário em momentos de total silêncio do sujeito em análise (REIS, 2012, p.69).

Conforme verificado na citação acima, o pesquisador não interage com o locutor, porém a presença é fundamental para momentos em que o locutor esteja em total silêncio. Nesse sentido, a seguir iremos abordar a técnica do Protocolo Verbal Individual.

4.1.1 Protocolo Verbal Individual

O catalogador é o nosso universo amostral, a partir dos discursos enunciados publicamente pelo profissional em cima do texto intitulado “Diretrizes de análise de assunto na catalogação em bibliotecas universitárias” seus pensamentos foram registrados em um gravador portátil⁴ e posteriormente analisado.

O Pensar alto do informante é gravado e transcrito literalmente, produzindo protocolos verbais. Protocolos são geralmente definidos como relatos verbais dos processos mentais conscientes do informante. Em outras palavras, eles se referem ao pensar alto do informante enquanto realiza uma tarefa de qualquer natureza (CAVALCANTI; ZANOTTO, 1994 *apud* FUJITA, 1999, p.106-107).

O propósito da investigação é saber o que realmente o bibliotecário pensa na hora da catalogação, sem estar preocupado se vai acertar ou errar, por esse motivo foi feita a familiarização da técnica antes da aplicação (*vide* anexo A, p. 78). A verbalização é imprescindível nesta pesquisa, e é exigido que o participante verbalizasse o seu conhecimento. Como podemos verificar na seguinte citação:

⁴ Sobre as técnicas de registro em ciências sociais, ler: Queiroz, M.I.P. Variações sobre a técnica de gravador no registro de informação viva. São Paulo, T.A. Queiroz, 1991.

Os participantes são explicitamente instruídos a se concentrar na tarefa, enquanto “pensam alto” e apenas a verbalizar seus pensamentos ao invés de descrever ou explicar a ninguém Ericsson; Simon (1998, p. 181 *apud* REIS, 2012, p.70).

Nessa pesquisa não se restringe, registrar somente a voz do locutor, mas outros tipos de manifestações gestuais como: comentários, atitudes, entre outras manifestações que podemos observar durante a realização do procedimento. Para isso o pesquisador utilizou a observação de campo através das notações específicas para transcrições: adaptadas de Cavalcanti, 1989 (*vide* anexo B, p. 79), Segundo Cavalcanti (1989, p.17):

Até a década de setenta, grande parte dos pesquisadores se preocupava apenas com as respostas dos indivíduos, com a análise do produto da compreensão de um texto. A partir daí eles passam a observar também o comportamento (Exemplo: movimento de olhos sobre o texto, o virar de páginas), os processos mentais que levam à compreensão.

Nessa modalidade o locutor tem o mínimo de interação com o pesquisador ficando assim impossibilitado de fazer trocas de informações, o que poderá nos proporcionar melhor reflexão. Segundo Sradley (1980, *apud* NARDI, 1999) o pesquisador participa de forma passiva, ou seja, ele somente observa e garante que o sujeito participante verbalize o seu conhecimento.

A aplicação da técnica englobou três procedimentos: procedimentos anteriores à coleta de dados; procedimentos durante a coleta de dados; e procedimentos posteriores à coleta de dados, cuja descrição respalda-se no trabalho de Fujita, Nardi e Fagundes (2003):

1- Procedimentos anteriores à sessão de coleta de dados.

- a) Seleção do texto-base: “Diretrizes de análise de assunto na catalogação em bibliotecas universitárias”, (*vide* anexo C, p. 80).
- b) Seleção dos sujeitos: foram selecionados seis catalogadores, sendo 2 de Ciências da Saúde, 2 de Ciências da Humanas e 2 de Ciências Exatas.
- c) Conversa informal com os sujeitos: foram mencionados os objetivos da pesquisa (*vide* apêndice A, p. 59) e a preocupação de manter a identidade de cada um dos sujeitos oculta (*vide* apêndice B, p. 60).
- d) Familiarização com a tarefa do *Think aloud* (pensar alto) através de Instruções aos sujeitos: Antes da aplicação do Protocolo verbal ou pensar alto, foi feita uma familiarização com a tarefa utilizando um texto contendo Instruções aos sujeitos (*vide* anexo A, p. 78).

2- Procedimentos durante a sessão

- e) Gravação do pensar alto durante a leitura do texto-base: Antes de começar a gravação, foi entregue ao sujeito o texto-base lembrando que é preciso pensar alto durante toda leitura e exteriorizar seus processos mentais,
- f) Entrevista retrospectiva: com o objetivo de esclarecer alguns pontos considerados obscuros pelo pesquisador, (*vide* apêndice C, p. 62).

3- Procedimentos após à sessão

- g) Transcrição dos Protocolos verbais dos sujeitos: As transcrições foram feitas de maneira a destacar a compreensão dos sujeitos, suas dúvidas, equívocos, identificação e seleção de termos, (*vide* apêndice D até I, p. 63-77).

A partir dos três procedimentos cuja descrição respalda-se no trabalho de Fujita, Nardi e Fagundes (2003), a seguir serão apresentadas as categorias para análise dos dados a partir da aplicação do Protocolo Verbal Individual com seis catalogadores.

4.2 Categorias para análise dos dados do PVI

Esse tópico pretende abordar as categorias para análise dos dados do PVI, a sua composição surgiu a partir das 14 categorias das Diretrizes de Análise de Assunto na Catalogação em Bibliotecas Universitárias (REDIGOLO, 2014, p. 207) (*vide* anexo C, p. 80). E estão dispostas da seguinte ordem:

Quadro 7 – Categorias de análise dos PVIs

1	Compreensão de aspectos conceituais da análise de assunto na catalogação.
2	Delimitação da área de domínio.
3	Definir o público usuário.
4	Conhecer os instrumentos disponíveis.
5	Níveis de representação.
6	Reconhecer a estrutura textual.
7	Intertextualidade.

8	Hábitos.
9	Experiência colateral.
10	Proficiência.
11	Qualidade e avaliação da análise de assunto.
12	Acesso à linguagem controlada pelo usuário.
13	Aptidões do catalogador.
14	Fases do processo de análise de assunto.

Fonte: Redigolo (2014, p.207).

Com base nas categorias definidas no quadro acima e para colaborar com discussões sobre as diretrizes de Análise de Assunto é importante também informar como foi feita a forma de análise dos dados, assim, como será apresentada no próximo tópico.

4.3 Forma de análise dos dados

Com base no tópico anterior intitulado Categorias para análise dos dados do PVI, esse tópico pretende definir a forma que foi utilizada para a análise dos dados. Ela está disposta da seguinte forma: tópico a ser abordado, discussão do tópico, fala relevante do bibliotecário, discussão geral da categoria e referencial teórico (caso necessário). A seguir, será apresentado um exemplo.

EX:

1 Categoria retirada do quadro 7.

Discussão do tópico “*mostrando os pontos principais dos profissionais entre aspas*”.

Discussão geral da diretriz: Destaque do pesquisador referente aos pontos relevantes da categoria juntamente com Referencial teórico (caso necessário) para ressaltar sua posição.

A partir da forma de análise dos dados definidas acima, o próximo capítulo será apresentado os resultados das discussões dos Protocolos Verbais obtidos da aplicação da técnica utilizada com seis catalogadores e organizados de acordo com as categorias de análise dos PVIs proposto nesta pesquisa.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo contém discussões a partir da coleta dos dados obtidos da aplicação dos protocolos verbais individuais (PVI) nas bibliotecas selecionadas e descritas no capítulo anterior.

5.1 Resultados e discussões gerais dos Protocolos Verbais Individuais

A partir da elaboração das categorias (*vide* quadro 7, p. 36), foi possível fazer uma investigação sobre o processo de análise de assunto na catalogação de assuntos em contexto de bibliotecas universitárias, pautando-se nas transcrições do PVI com seis catalogadores de três áreas do conhecimento, que retratam os processos mentais baseando-se nas visões de cada profissional submetido a técnica. Nesse sentido, apresentamos abaixo a análise das coletas utilizando as categorias de análise proposto na metodologia.

1. Compreensão de aspectos conceituais da análise de assunto na catalogação

Nessa categoria observou-se que todos os profissionais utilizam as seguintes bases: Biblioteca Nacional, *Library of Congress* e a PUC/Paraná que servem como parâmetro para a catalogação. Porém, cada um utilizou seus métodos para explicar o processo, os catalogadores 1 e 3 mencionaram primeiramente a verificação do material nas bases, e o catalogador 3 ainda acrescenta “*a gente concordar ou não, não necessariamente a gente tem que concordar*” com os termos representados nas bases, fazendo assim uma avaliação, após uma leitura documentária para verificar a compatibilidade de termos recuperados pelas bases e os encontrados a partir do processo de análise de assunto, justificando “*eu observo que tem biblioteca que coloca o assunto muito geral, vamos supor tese de geofísica, os assuntos são difíceis, muito complicados, muitos termos específicos, e aí tem gente que coloca somente geofísica, mais geofísica e muito amplo[...] eu vou no Google, em outros trabalhos, artigos para poder chegar o mais próximo do que é tratado naquele documento [...] sempre procurando identificar o máximo o assunto daquele material*”.

Já para o segundo catalogador, se faz primeiramente a leitura de partes importante do documento para a extração de conceitos “*geralmente anotando em um papel*” para posterior seleção dos itens que serão indexados com auxílio das bases, e ainda acrescenta ter

preferência pela base da Biblioteca Nacional “*geralmente eu vou na BN, é em português e é mais fácil*”.

Corroborando com isso o catalogador três confirma “*quando o assunto é em língua estrangeira é mais complicado, às vezes, o cara se arrisca, mais quando é em alemão, aqui também já teve em russo, em japonês, até em chinês, eu já peguei, aí o cara tem que colar mesmo, colar entre aspas, pegar essa carona das bases*”. Diante disso, a língua estrangeira é uma barreira encontrada pelos catalogadores na hora de determinação dos assuntos.

Quanto a avaliação da estrutura, observou-se que todos os profissionais evidenciaram que a política de indexação é o item fundamental de todo o processo em análise, para o catalogador 4 “*Política de indexação é o instrumento fundamental para indexar o assunto*”. Nessa perspectiva, os catalogadores 4, 5 e 6 realocariam o item “**Política de Indexação**” para cima, sendo o primeiro item da categoria analisada uma vez que a política de indexação segundo o catalogador 5 “*vai repassar por todos os outros tópicos. Primeiro você se apropria da política de indexação da instituição, para você fazer aquilo que você já traz como base do seu curso de formação*”.

Discussão geral da diretriz: Segundo os catalogadores 4, 5 e 6 a política de indexação deve ser realocada para primeiro item da categoria analisada uma vez que a política de indexação vai repassar todos os outros tópicos do fazer profissional.

Nessa seção consta essencialmente os subsídios para a compreensão dos aspectos conceituais da análise de assunto na catalogação, contendo respectivamente a abordagem conceitual utilizada, da primeira etapa denominada análise de assunto e as suas respectivas sub-etapas e os instrumentos que auxiliam o processo, caso o catalogador deixe de reconhecer um dos tópicos abordados nessa categoria, poderá carregar em falhas.

Nesse sentido, a política de indexação funciona como eixo orientador para o bibliotecário no momento da análise de assunto, pois por meio dela é possível estabelecer o perfil da instituição e da comunidade usuária, entre outros critérios, e assim definir os parâmetros orientadores para a leitura, identificação e seleção dos descritores mais adequados à representação documentária, porém só podem ser estabelecidos depois de observadas os outros aspectos apontados na diretriz, logo, não houve a necessidade da sua realocação como mostrado pelos catalogadores.

2. Delimitação da área de domínio

Nessa categoria foram analisados, os elementos fundamentais que o bibliotecário documentalista deve saber para que ele tenha domínio na representação temática sobre a área em que ele está inserido, entre eles “**estar em contato com o setor de referência**” para o catalogador 4 “*nas bibliotecas setoriais o bibliotecário é tudo*” e o catalogador 3 reitera “*o bolsista tem maior contato com o usuário*” assim, o catalogador 4 afirma a inclusão de mais dois itens que o bibliotecário tem mais contato para a compreensão da representação da área de domínio “*é no momento de orientar normalização dos trabalhos acadêmicos de modo geral e no momento da elaboração da ficha catalográfica*” de acordo com o catalogador 5: “*Quando a gente faz a ficha catalográfica, a gente tem contato direto com o pesquisador*”. Assim, os catalogadores 4, 5 e 6 acrescentariam mais dois tópicos elaboração da ficha catalográfica e normalização dos trabalhos acadêmicos uma vez que estes são as partes que o bibliotecário tem mais contato com o usuário.

Discussão geral da diretriz: O método mais importante que deveria ser utilizado pelo bibliotecário para a compreensão da área de domínio, seria “estar diretamente em contato com o setor de referência” com o objetivo de identificar os interesses dos usuários internos da biblioteca, exemplificados pelos discentes de graduação e pós-graduação, docentes, pesquisadores e em segunda instância funcionários e outros colaboradores dos diversos setores da instituição que mantem interesse pelo campo de área que abrange a unidade de informação.

Segundo Cardoso Filho e Santos (2012, p. 187): a eficiente indexação de assuntos precisa levar em conta o usuário final. O mesmo documento pode ser indexado de maneiras diferentes, de acordo com o público ao qual se destina. Assim, torna-se recomendável que o indexador desempenhe outras atividades, como por exemplo, bibliotecário de referência, quando estará em contato com as necessidades da comunidade a ser atendida.

Porém como mostrado pelo catalogador 3, o bolsista tem maior contato com o usuário, ficando evidente que o serviço prestado pelo setor de referencia, oferecido pelas unidades de informação, está sendo relegado.

Corroborando com essa ideia, Lancaster (1972 *apud* CESARINO; PINTO, 1980) adverte que apesar dos especialistas em determinado assunto seja de grande importância para a recuperação da informação, porém existem algumas desvantagens quando os bibliotecários estão apenas no desempenho da atividade de indexação:

Eles podem não estar inteiramente familiarizados com a literatura, e mais importante, com as necessidades dos usuários potenciais do sistema; podem tomar decisões que não são úteis tendo em vista o objetivo de recuperar informações; podem dar mais importância à sua própria especialidade, causando desequilíbrio no sistema como um todo (LANCASTER, 1972 *apud* CESARINO; PINTO, 1980, p. 39).

Como forma para a compreensão da delimitação da área de domínio, os catalogadores contribuíram com os serviços de elaboração de ficha catalográfica e a normalização de trabalhos acadêmicos como instrumentos que auxiliam os profissionais compreender a área de domínio, as duas atividades requerem uma breve análise da produção textual dos usuários internos da biblioteca, e assim contribuindo com que o catalogador reconheça e defina melhor a área de domínio da unidade de informação, nesse ponto de vista, o bibliotecário só estaria observando as necessidades informacionais dos usuários reais e deixando de lado os usuários potenciais do sistema de informação.

3. Definir o público alvo

Para os bibliotecários esse é o tópico mais importante tanto para a política de indexação quanto para as diretrizes de análise de assunto, pois devem ser feitas com intuito de atender as demandas informacionais de seus usuários, para o catalogador 4 “*estudo de usuário é a coisa mais difícil de fazer*” e é necessário que se faça para que o bibliotecário realize as suas atividades de forma correta. E acrescenta que “*nas bibliotecas setoriais o bibliotecário é tudo*” nesse aspecto o catalogador 5 afirma: “*As bibliotecas de modo geral, o estudo de usuário é relegado, ela fica em segundo plano. Não deveria ser mais é. Devemos desenvolver a política principalmente baseado no olhar do usuário, porque eles que vão acessar os catálogos. Primeiro deveria fazer a política, já com o estudo de usuário pronto e depois desenvolver a política. E geralmente a gente faz ao contrário*”. O catalogador 6 realocaria o tópico para depois da intertextualidade, os outros catalogadores concordaram com a estrutura do tópico.

Discussão geral da diretriz: De acordo com o catalogador a intertextualidade está diretamente relacionada com a delimitação da área de domínio, logo, houve a necessidade de realocarmos essa categoria para depois da “intertextualidade”.

4. Conhecer os instrumentos disponíveis

Conhecer os instrumentos disponíveis servirá para auxiliar o profissional na execução da análise de assunto, devido ser considerada uma atividade complexa e subjetiva cada profissional irá executar de um modo para realizar essa atividade.

As bibliotecas utilizam as bases como parâmetro, para a catalogador 2 isso se justifica pelo fato da universidade *“ainda não ter uma política de indexação consolidada”*. Logo, a linguagem controlada para o catalogador 1 é *“Linguagem controlada eu acredito que seja aquilo que está nas bases”*. E ainda salienta que com o sistema de cooperação *“me serve como referência, um modelo”* o catalogador só irá fazer o cadastro do exemplar.

Nessa lógica, é importante cadastrar os termos corretamente nas bases, para o catalogador 3 é mais importante porque *“os alunos de graduação geralmente procuram por assunto, quando chega na pós-graduação ele já até procura as vezes pelo título, pelo autor quando ele é muito conhecido na área”*. Os objetivos das outras bases se diferem dos objetivos da base da universidade, algumas vezes os bibliotecários não capricham na identificação dos termos para o catalogador 3 relata que *“eles só colocam um assunto, ele pega faz e pronto [...] que é para logo fazer outro”*. Ao cadastrar somente o exemplar, sem fazer uma avaliação intrínseca ou extrínseca da catalogação de assunto irá levar segundo o catalogador 3 *“o livro que tinha um assunto importante para pesquisa acaba ficando inutilizado dependendo do catalogador”*. Conhecer os instrumentos disponíveis é fundamental para auxiliar o profissional, nesse sentido o catalogador 6 realocaria este tópico depois que as diretrizes abordassem o usuário, a linguagem controlada pelo usuário, a área de domínio e a intertextualidade.

Discussão geral da diretriz: Nessa categoria foi evidenciado que os catalogadores utilizam as bases como referência, ainda fazem importação dos dados sem efetuar uma avaliação dos termos e só fazem o cadastro do exemplar, de acordo com o catalogador 6 o tópico aqui discutido seria realocado, porém não houve necessidade de alteração devido à linguagem controlada pelo usuário estar ligado ao usuário ter acesso à linguagem no momento de busca, ou seja, final do processo.

5. Níveis de representação

Nessa categoria foram analisados, os elementos fundamentais de uma política de indexação entre eles a exaustividade, especificidade e a pertinência. Segundo o catalogador 5 *“tem que ser uma coisa coerente, para todo mundo seguir, para não ter uma subjetividade,*

como nos dizemos. A subjetividade do catalogador influencia muito nisso, mais a política amarra. Eu tenho o máximo cinco assuntos para representar o meu item”.

Segundo o catalogador 3 expõe que *“Dependendo do documento eu vou colocar o que achar necessário, porque vai ser fácil para recuperar. Às vezes, tem cinco assuntos importantes, três são principais do documento e dois são instrumentos geofísicos, por exemplo. Aí o catalogador diz que já tem três e não vai colocar os dois, aí esse acervo que fala de uma parte boa de instrumentos geofísicos e se alguém vier procurar não vai encontrar”.*

Dessa forma, é necessário definir bem o nível de representação que vai usado na unidade de informação para que os descritores representem fidedignamente aos interesses dos usuários. Para o catalogador 6 realocaria o tópico para antes dos instrumentos disponíveis, os outros catalogadores concordaram com a estrutura do tópico sem necessidade de alterações.

Discussão geral da diretriz: De acordo com o catalogador o tópico aqui discutido seria realocado, porém não houve necessidade de alteração, pois para sabermos o nível de representação o catalogador deve conhecer os instrumentos que permitir identificar até onde ele pode ir.

6. Reconhecer a estrutura textual

Para o catalogador 3 além de possuir os itens do tópico ele aponta *“Além desses nós temos também fotografia aérea”.* É importante que o catalogador saiba de antemão os pontos necessários que deverão ser percorridos durante a leitura documentária, assim, o bibliotecário complementa *“O sumário, os tópicos do sumário, às vezes ele pega uma palavra de um tópico que o autor somente está dando uma pincelada, por exemplo, um tópico que trata da página um até a página cinco. A não ser que seja um capítulo inteiro seria interessante”.*

Evidenciando assim, que sua experiência ajudará na identificação da estrutura textual necessária para a representação. Quando o processo fica difícil de solucionar, o catalogador recorre às outras bases, porém ele salienta *“Às vezes, ele está em três bases [...] todos os bibliotecários que fizeram? Às vezes não, dois tiraram de outro, aí ficou tudo igual”.* Observa-se então que é necessário fazer uma avaliação da catalogação antes de cooperar para a base, uma vez que os objetivos de outras bases e o público usuário não possam ser as mesmas que a biblioteca que esteja cooperando.

Discussão geral da diretriz: para o catalogador 3 acrescentaria “fotografias aéreas” os outros catalogadores concordaram com a estrutura do tópico sem necessidade de alterações. De acordo com o terceiro catalogador, o recurso informacional “fotografias aéreas” é passível de análise dos assuntos na catalogação de assunto, logo é necessário saber as categorias essenciais para a realização de análise de assunto de materiais especiais como fotografias, entre eles são: Quem?(seres), Onde?(espaço), Quando?(tempo), Como? (técnica adotada) e O quê? (ação).

7. Intertextualidade

Com os mais variados tipos de informação, hoje vivemos numa fase de interdisciplinaridade, onde os documentos apresentam semelhas com áreas correspondentes e outros campos do conhecimento. Para o catalogador 1 *“a gente tem que ler um pouco sobre os outros assuntos ou relacionados até mesmo para a gente definir melhor”*. Tal pensamento é necessário para correlacionar os termos adequadamente com os interesses dos usuários. Para a biblioteca de humanas é exigido que o catalogador, tenha conhecimento prévio, de acordo com o catalogador 4 *“devido as pesquisas apresentam vários vieses”* sobre os assuntos de maior interesse dos usuários, de acordo com os objetivos a serem alcançados em relação aos campos de domínio.

Na visão do catalogador 3 *“Tem uma palavra interessante “geologia medica”. A febre da serra pelada, o pessoal usava muito mercúrio, isso é a parte da geologia que afeta a saúde humana. Teve um usuário que apareceu aqui com um trabalho justamente com intertextualidade, sobre os fatores climáticos que afetam a saúde humana, no caso foi à climatização de ambientes.”*.

Muitos trabalhos acadêmicos surgiram a partir dos conhecimentos específicos dos discentes e da realidade que o circunda, fazendo com que os recursos informacionais tenham a possibilidade de ser classificado em diversas áreas, levando o catalogador classificar de acordo com as necessidades informacionais da unidade de informação o qual pertence o documento. O catalogador 6 realocaria o tópico depois da delimitação da área de domínio, pois ele influencia na compreensão da delimitação da área de domínio, os outros catalogadores concordaram com a estrutura do tópico sem necessidade de alterações.

Discussão geral da diretriz: Segundo Japiassu (1976, p. 72/74) a disciplinaridade e a interdisciplinaridade são:

A disciplinaridade significa a exploração científica especializada de determinado domínio homogêneo de estudo ... e interdisciplinaridade é a axiomática comum a um grupo de disciplinas conexas e definidas no nível hierárquico imediatamente superior, o que introduz a noção de finalidade.

Maior ou menor grau de interdisciplinaridade depende do grau de interação e de cooperação entre as disciplinas. De acordo com o catalogador 6 deve ter domínio da área que a unidade de informação abrange, pois haverá livros que abordam uma diversidade de conteúdos, além de fazer conexões com outras áreas do conhecimento que levarão a classificação diferenciada de uma unidade para a outra, logo houve a necessidade de realocarmos essa categoria para depois da “delimitação da área de domínio”.

8. Hábitos

Ao adentrar no mercado de trabalho, especificamente o bibliotecário no que se referem à realização da catalogação de assuntos, esses acabam criando hábitos para a efetuação da representação informacional. Hábitos que podem ser considerado muitas vezes produtivo, assim como pode prejudicar no momento da busca pelo usuário.

Desse modo, o catalogador 1 manifesta que o bibliotecário tem “*que se aprofundar, não pode ser de forma mecânica, eu penso isso, estudar mesmo o que está em mãos*”. Assim, é necessário que o bibliotecário documentalista crie hábitos no que tange o desenvolvimento do processo de análise de assunto a partir das estruturas textuais que cada documento venha possuir.

Consequentemente, devido ao fato de serem cobrados pela biblioteca central no tocante a produção e aos prazos acaba acarretando em um novo hábito, a cooperação de dados, porém esse hábito acaba prejudicando muitas vezes a recuperação da informação, uma vez que, eles aproveitam os dados da catalogação sem fazer as alterações pertinentes ao contexto e as necessidades informacionais.

Nessa perspectiva, o catalogador 3 reconhece que “*experiência faz com que eu crie hábitos na hora de determinar os assuntos*”. O catalogador 5 não entendeu o sentido da frase, porém consegui inferir “**o hábito que o força a agir**” e para o catalogador 6 realocaria o tópico depois de experiência colateral, os catalogadores 4 e 5 concordaram com a estrutura do tópico sem necessidade de alterações.

Discussão geral da diretriz: De acordo com White e Marsh (2006 *apud* CARDOSO FILHO; SANTOS, 2012, p. 206): o pesquisador utiliza construtos analíticos, ou regras de inferência, para mover-se no texto para as respostas as questões da pesquisa. Assim, o texto e o contexto

são logicamente independentes, e o pesquisador tira conclusões tanto do texto quanto do contexto.

Assim, o catalogador 5 afirma que não foi possível compreender o sentido da citação grifada, porém uma sequência de frases proporcionam uma coerência e esta sequência é coerente quando cada frase da sequência pode ser compreendida em relação à interpretação de outras, logo a explicação do tópico está na continuação das sentenças, quanto ao catalogador 6 seria necessário sua realocação para depois da experiência colateral, diante disso houve a necessidade de reposicionar a categoria “Hábitos” para depois da “Experiência colateral” uma vez que a experiência influencia os hábitos.

9. Experiência colateral

A experiência colateral é adquirida ao longo da sua atuação profissional, começando pelas disciplinas durante a graduação, passando pelas práticas até chegar no mercado de trabalho. Os conhecimentos adquiridos durante a sua atuação profissional são fundamentais para o aumento na capacidade profissional.

Nessa acepção, o catalogador 2 externaliza *“esse livro fala de formação de professores, então eu já sei quais os termos quais os descritores eu vou usar e qual vai ser a classificação para esse assunto, até porque para esse assunto nós designamos só uma classificação”*.

Dessa maneira, o profissional que detém o conhecimento específico dos assuntos relacionados ao domínio da catalogação, terá a facilidade de representar os conteúdos temáticos dos documentos. Além disso, é necessário que se tenha instrumentos ou diretrizes que diminuam as subjetividades das atividades profissionais em contexto universitário. O catalogador 1 reconhece que é necessário que haja uma educação continuada justificando *“quando cheguei aqui eu não sabia qual era sub-especialização de Oftalmologia. Eles falavam interceptor que é o médico que acompanha o residente nas cirurgias e nas consultas [...] para poder me familiarizar com os termos que eles falam”*.

Segundo o catalogador 4: *“Educação continuada, o máximo que temos aqui é aquele encontro de bibliotecas e que não se refere a nada de catalogação, como eu falei nos aprendemos com o dia a dia; consultando as bases enfim”*. Nessa perspectiva, é necessária uma educação continuada com o objetivo de orientar uma possível compreensão teórica do domínio da catalogação. O catalogador 4 não entendeu o sentido da frase, nem conseguiu inferir *“As experiências colaterais são resultados cognitivos expressos por **características que***

nunca estão ausentes”. Para o catalogador 6 realocaria o tópico para depois que as diretrizes abordassem a proficiência.

Discussão geral da diretriz: Assim como explicado na categoria “hábitos” uma sequência de frases proporcionam uma coerência e esta sequência é coerente quando cada frase da sequência pode ser compreendida em relação à interpretação de outras, logo a explicação do tópico esta na continuação das sentenças, quanto ao catalogador 6 seria necessário sua realocação para depois da proficiência , diante disso houve a necessidade de reposicionar a categoria para depois da “Proficiência” uma vez que a proficiência podem influenciar as experiências.

10. Proficiência

Uma pessoa proficiente surge das experiências na atividade de catalogação, juntamente com os hábitos dos profissionais durante a prática. Sendo assim, os catalogadores 1 e 3 não contribuíram para a discussão desse tópico. Consultar especialistas e pesquisadores na área são necessários para que o catalogador adquira proficiência na área de domínio, nessa maneira, o catalogador 2 contribui com a discussão dizendo “*isso não acontece*” uma vez que a realidade dos profissionais das bibliotecas universitárias executam várias atividades além da catalogação de assuntos, uma vez que esse processo poderia diminuir alguns erros cometidos pelos profissionais durante a atividade.

Assim, é necessário que esse profissional realize cursos de capacitação, palestras e etc como forma de aquisição de experiências com o objetivo de se tornar cada vez mais proficiente e minimizar os ruídos e silêncios advindos da falta de proficiência da parte do bibliotecário documentalista. O catalogador 6 realocaria o tópico para depois de “Aptidões do catalogador”, os outros catalogadores concordaram com a estrutura do tópico sem necessidade de alterações.

Discussão geral da diretriz: De acordo com o catalogador foi identificado à necessidade de realocação da categoria para depois das aptidões do catalogador, pois a proficiência está relacionada diretamente com as aptidões que o catalogador de assunto deve ter para a realização do processo.

11. Qualidade e avaliação da análise de assunto

A avaliação sobre as representações de assunto é fundamental para se alcançar a recuperação pertinente e de acordo com as necessidades informacionais dos usuários da unidade de informação. De acordo com o catalogador 3 *“Teve uma vez que eu normalizei e fiz a ficha catalográfica de um aluno, só que o programa de pós manda o trabalho pronto para a biblioteca para colocar no acervo. Teve uma vez que a menina lá da biblioteca central que eu tinha colocado um assunto no PERGAMUM que não tinha nenhum vínculo com nenhum tipo de material”*.

Nota-se, pela fala do profissional que a biblioteca central fez uma avaliação da representação feita pela biblioteca setorial constatando a necessidade de se fazer cada vez mais esses tipos de avaliação com o objetivo de diminuir alguns erros que uma hora ou outra percebemos durante a busca.

Para o catalogador 1 alega *“quando a gente vai catalogar, a gente vai consultar as bases, como foi que a BN usou? Que termo ela utilizou? E por aí que eu tenho que seguir. Sempre a gente vai se basear em alguém que é referência”*. Porém, não se pode somente referenciar pelas outras bases, é necessário saber as linguagens dos usuários da base, uma vez que os termos selecionados erroneamente podem prejudicar os resultados finais, necessitando assim de uma discussão sobre o acesso a linguagens controladas pelos usuários.

Quando o processo fica difícil de solucionar, o catalogador recorre às outras bases, porém ele salienta *“Às vezes, ele está em três bases [...] todos os bibliotecários que fizeram? Às vezes não, dois tiraram de outro, aí ficou tudo igual”*. Corroborando com isso o catalogador três confirma *“quando o assunto é em língua estrangeira é mais complicado, às vezes, o cara se arrisca, mais quando é em alemão, aqui também já teve em russo, em japonês, até em chinês, eu já peguei, aí o cara tem que colar mesmo, colar entre aspas, pegar essa carona das bases”*. Diante disso, a língua estrangeira é uma barreira encontrada pelos catalogadores na hora de determinação dos assuntos. Observa-se então que é necessário fazer uma avaliação da catalogação antes de cooperar para a base, uma vez que os objetivos de outras bases e o público usuário não possam ser as mesmas que a biblioteca que esteja cooperando. O catalogador 6 realocaria o tópico para depois do tópico níveis de representação, os outros catalogadores concordaram com a estrutura do tópico sem necessidade de alterações.

Discussão geral da diretriz: De acordo com o catalogador foi destacado a necessidade de realocar a categoria, porém não houve a necessidade do reposicionamento devido à categoria

“qualidade e avaliação da análise de assunto” ser o processo final da análise de assunto, logo a categoria permanece na mesma posição, sem necessidade de alteração.

12. Acesso à linguagem controlada pelo usuário

O acesso à linguagem pelo usuário é fundamental no momento da busca, pois o termo colocado pode acarretar em ruídos e silêncios. Para o catalogador 2 evidencia *“o único problema nessa área aqui é que tem livros aqui que eles tratam como prática pedagógica mais só que na nossa linguagem é prática de ensino. Ai eles nunca recuperam por prática pedagógica, esse é um problema que eu já vi com os usuários”*. Sendo assim, a partir da avaliação do catalogador, prática pedagógica irá entrar como uma remissiva na base, devido não ser um termo autorizado. Esclarecendo a necessidade do contato entre o profissional e os usuários da unidade informacional. Para o catalogador 3 *“o bolsista tem maior contato com o usuário”*.

Nesse contexto, o catalogador 3 ao normalizar os trabalhos acadêmicos dos discentes, ele percebe que os mesmos “colocam na marra” um *“termo muito usado pela comunidade científica”* e o termo colocado não é necessariamente uma *palavra-chave* autorizada, reconhecendo que *“não dá para colocar qualquer termo que tu imaginas”* e salienta a ajuda para a identificação dos termos *“é difícil de identificar um assunto, imagine sem ajuda deles. A gente que não é da área fica mais difícil ainda. Por isso que muitos colocam Geofísica, porque é mais fácil, mais quando eles ajudam fica melhor, fica mais específico. Geofísica é uma área grande ai vai especificando, tem geofísica do petróleo, geofísica aplicada, esses assuntos são muito específicos, se ele não estiver na base, temos que saber de onde ele surgiu, da onde ele vem, entendeste? Para poder registrar. Por exemplo: ‘área geológica’ entra por geologia estratigráfica”*. O catalogador 6 realocaria o tópico para depois do tópico definir o público alvo, os outros catalogadores concordaram com a estrutura do tópico sem necessidade de alterações.

Discussão geral da diretriz: De acordo com o catalogador foi identificado à necessidade de reposicionar a categoria para depois do público alvo, porém a definição do público usuário é anterior ao processo, o acesso à linguagem pelo usuário é algo que vem depois do processo de indexação, logo, não houve a necessidade de reposicionar a categoria.

13. Aptidões do catalogador

O catalogador faz uma leitura bem rápida, segundo o catalogador 5 “o *bibliotecário não julga o tempo verbal, a classe de palavras. Mais identificamos quando o texto está bem estruturado ou quando não está*”. O catalogador 6 realocaria o tópico para depois que abordasse a estrutura textual, e anterior a proficiência os outros catalogadores concordaram com a estrutura do tópico sem necessidade de alterações.

Discussão geral da diretriz: De acordo com o catalogador foi identificado à necessidade de realocar a categoria para depois da estrutura textual, pois para identificar as estruturas textuais é necessário que o bibliotecário tenha aptidões, e antes da proficiência. Logo, essa categoria foi realocada.

14. Fases do processo de análise de assunto

Como foi esclarecido ao longo dos tópicos anteriores e principalmente na categoria 1 (Compreensão de aspectos conceituais da análise de assunto na catalogação) onde os catalogadores relatam os processos, nessa categoria fala cada tópico que deveria ser seguido para a representação condensada dos documentos e para a elaboração e enriquecimento do catálogo de assuntos da Universidade Federal do Pará.

Nesse sentido, destacamos os itens que foram salientados pelos seis profissionais, quando a estrutura das diretrizes.

Quadro 8 – Fases do processo de análise destacadas pelos profissionais.

- 1- Partes importantes do texto. Foi salientado que algumas partes são lidas por causa do tratamento descritivo da informação.
- 2- Termos que a política de indexação da biblioteca me permite inserir? Apesar da Universidade Federal do Pará não possuir ainda uma **política de indexação**, os profissionais que alimentam a base são orientados a cadastrarem três e no máximo cinco termos.
- 3- Conhecer os interesses do público alvo da biblioteca; os assuntos identificados são autorizados; Podem consultar especialista no assunto; utilizar os descritores de acordo com a linguagem controlada utilizada na instituição.

Fonte: Elaborado pelo autor.

É importante que o catalogador saiba de antemão os pontos necessários que deverão ser percorridos durante a leitura documentária.

Discussão geral da diretriz: Os catalogadores concordaram com a estrutura do tópico sem necessidade de alterações. De acordo com Amado (2000 *apud* CARDOSO FILHO; SANTOS, 2012, p. 205, grifo nosso):

A análise de assunto é um processo empírico utilizado no dia a dia por qualquer pessoa, enquanto leitura e interpretação, mas para se tornar uma metodologia de investigação científica, **tem de seguir um conjunto de passos que lhe dão o rigor e a validade necessária**; por um lado, trata-se de uma técnica muito dependente do treino, persistência e experiência do investigador.

Os quadros bem desenvolvidos e apresentam todos os passos que o profissional deve percorrer de maneira simples e dinâmica.

De acordo com as categorias analisadas, podemos observar pontos fortes e fracos que auxiliam na discussão para validação de uma normalização da análise de assunto, a seguir iremos apresentar os pontos fortes e fracos a fim de atender o objetivo específico desta pesquisa.

5.2 Apresentação dos Pontos Fortes e Fracos

De acordo com os resultados obtidos da técnica introspectiva do PVI, destacamos algumas pontos, dividindo-os em pontos fortes e fracos salientados pelos profissionais, como iremos identificar a seguir:

PONTOS FORTES

1. Categorias bem definidas e necessárias para estruturação das diretrizes.
2. Estrutura aborda todas as categorias que influenciam o processo da Análise de Assunto.
3. Tópicos estruturados de forma simples, objetiva e relevante para compreensão.
4. Quadros bem desenvolvido e apresentam todos os passos que o profissional deve percorrer de maneira simples e dinâmica para entendimento.
5. A partir da avaliação da diretriz foi identificado que cada bibliotecário submetido à técnica do protocolo verbal individual utilizou método próprio para a realização da tarefa, evidenciando a necessidade de normas capazes de fornecer uma padronização na análise de assunto.
6. A partir da avaliação da diretriz foi identificando que certas atitudes, ocasionadas por fatores como experiência colateral, hábitos e proficiência levarão à representação errônea, decorrente a falta de metodologia normativa para a análise de assunto.

PONTOS FRACOS

1. Realocar os itens 7, 8, 9, 10 e 13, conforme abordado nas discussões gerais da diretriz em cada categoria.
2. Incluir no tópico de serviços que oferecem dentro da categoria “Delimitação da área de domínio”, a elaboração de ficha catalográfica e a normalização de trabalhos acadêmicos como instrumentos que auxiliam os profissionais compreender a área de domínio, as duas atividades requerem uma breve análise da produção textual dos usuários internos da biblioteca, e assim contribuindo com que o catalogador reconheça e defina melhor a área de domínio da unidade de informação.
3. Incluir o recurso informacional “fotografias” pois é passível de análise dos assuntos na catalogação de assunto, logo é necessário saber as categorias essenciais para a realização de análise de assunto de materiais especiais como fotografias, entre eles são: Quem?(seres), Onde?(espaço), Quando?(tempo), Como? (técnica adotada) e O quê? (ação).

A partir dos capítulos teóricos, da metodologia aplicada nessa pesquisa e principalmente desse capítulo apontando os resultados e, sobretudo dos pontos fortes e fracos do texto de Redigolo (2014, p. 207), intitulado “Diretrizes de análise de assunto na catalogação em bibliotecas universitárias”, com o intuito de colaborar com discussões sobre as diretrizes, a seguir, será apresentada as considerações finais, onde será possível observar uma síntese dos elementos constantes no corpo desta pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa **propôs** colaborar com discussões sobre as diretrizes de Análise de Assunto na Catalogação em bibliotecas universitárias, desenvolvido por Redigolo (2014, p. 207) com seis catalogadores de bibliotecas universitárias com o uso da técnica do protocolo verbal e as observações do pesquisador. As considerações finais estão ordenadas a partir dos objetivos específicos desenvolvidos nesta pesquisa.

Deste modo, o primeiro objetivo específico: a) Estudar na literatura sobre o contexto sociocognitivo do catalogador na catalogação de assunto; análise de assunto e o estudo de normalização para representação de assunto **buscou** fundamentação teórica que auxiliasse esta pesquisa, nesse contexto o segundo capítulo tratou sobre a catalogação de assunto no tratamento temático da informação, contextualizando a indexação e catalogação de assunto, conceituando e sistematizando as etapas indexação no contexto de bibliotecas universitárias, dando ênfase à primeira etapa denominada análise de assunto e seus processos.

A partir da análise de assunto, considerada como etapa inicial feita pelo catalogador e que pode influenciar na tomada de decisão. Surgiu o terceiro capítulo de fundamentação teórica onde abordou os processos cognitivos que influenciam na catalogação de assunto e a necessidade de um estudo sobre normalização na análise de assunto e por fim, expondo as diretrizes da análise de assunto.

O segundo objetivo específico: b) Investigar a estrutura das diretrizes de Análise de assunto a partir da aplicação Protocolo Verbal Individual com seis catalogadores da UFPA **observou-se** que a partir da metodologia qualitativa, com instrumento de coleta de dados o Protocolo Verbal Individual, podemos ter acesso a uma parcela do pensamento do profissional a partir das transcrições dos protocolos, evitando assim, uma simulação de respostas o que nos levaria a um não aprofundamento das reais dificuldades e potencialidades de uso das diretrizes.

Algumas atitudes podem refletir negativamente na hora da recuperação da informação, além de perceber que os catalogadores não discutiram algumas partes do texto, evidenciando que não dominam alguns conceitos da área o que poderá refletir na dificuldade de representação, e causando pouca visibilidade dos recursos informacionais da biblioteca.

O último objetivo específico: c) Colaborar na discussão para validação das Diretrizes de Análise de Assunto como um instrumento capaz de fornecer uma padronização na análise de assunto nas bibliotecas universitárias **averiguou** que algumas categorias de análise dos

dados apresentam os seguintes pontos: cada catalogador utilizou seus próprios métodos para explicar o processo de análise de assunto, e demonstrou a dificuldade em determinar assuntos de documentos em língua estrangeira, isso ocorreu devido às experiências que cada profissional obteve ao longo de sua atuação profissional e pelo fato de uma carência de metodologias normativas para a atividade, logo as diretrizes se mostram como instrumento de gestão com o intuito de criar métodos que visem à melhoria do sistema de informação além de alcançar de esforços para se conseguir suprir as necessidades informacionais dos usuários.

Cada uma das bases relacionadas acima tem sua própria linguagem controlada, seja ela específica ou exaustiva e um dos problemas enfrentados pelos usuários no momento da busca é com relação aos descritores utilizados o que poderá prejudicar os resultados finais, portanto cada base vai tratar dos assuntos de forma mais geral ou de forma mais específica.

Assim, é necessário que o catalogador faça uma avaliação dos termos a serem utilizadas nas bases da unidade de informação de acordo com as necessidades e interesses do seu público alvo, porém o que ocorre é que os profissionais aproveitam os termos das outras bases no momento que fazem a catalogação cooperativa e somente cadastram o exemplar para a unidade.

Diante do exposto, é imprescindível que o catalogador de assunto esteja constantemente em contato com o setor de referência, o obstáculo encontrado aqui é que os bolsistas “estagiários” tem o maior contato com o público usuário.

A estrutura textual das diretrizes da análise de assunto também evidenciou pontos fortes como categorias bem definidas e tópicos simples, objetivo e relevante, com quadros bem desenvolvidos para o entendimento e que influenciam diretamente no processo, além de ser evidenciando a necessidade das diretrizes para fornecer uma padronização, devido cada bibliotecário utilizar seu próprio método para realizar a tarefa e certas atitudes tomadas por eles que levarão a representação errônea. Logo, os pontos fracos para fim de aprimorar as diretrizes de análise de assunto, foram à realocação das categorias, devido categorias semelhantes encontrarem-se separadas e a necessidade de acrescentar novos tópicos.

Em vista aos avanços obtidos nesta pesquisa, observou-se que existe uma grande necessidade de aprimorar metodologias normativas para a análise de assunto, devido a dois motivos: as dificuldades do processo de análise de assunto na catalogação de assunto observada em estudos desenvolvidos na área e também por resultados de uma carência metodológica da área.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 12676**: Métodos para análise de documentos - determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação. Rio de Janeiro, 1992.

BALDO, Alessandra. Protocolos verbais como recurso metodológico: evidencia de pesquisa. **Horizontes de linguística aplicada**, v. 10, n. 1, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://goo.gl/yt3Qvk>. Acesso em: 20 out. 2016

BOCCATO, V. R. C.; FUJITA, M. N. S. L. O uso de linguagem documentária em catálogos coletivos de bibliotecas universitárias: um estudo de avaliação sociocognitiva com protocolo verbal. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 3, p. 23-51, 2010. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/v/a/9466>. Acesso em: 27 Set. 2016.

CARDOSO FILHO, J. C. ; SANTOS, M. M. Principais aplicações na ciência da informação. In: ALVARES, L. (Org.). **Organização da informação e do conhecimento**: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações. São Paulo: B4 Editores, 2012. 248 p. Capítulo 4, p. 185/223.

CAVALCANTI, M. C. **Interação leitor-texto**: aspectos de interação pragmática. Campinas: UNICAMP, 1989

CESARINO, M. A. N. B.; PINTO, M. C. M. F. Análise de assunto. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 8, n. 1, p. 32-43, 1980. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/v/a/1772>. Acesso em: 27 Set. 2017.

CHAUMIER, J. Indexação: conceitos, etapas e instrumentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 21, n.1, p. 63-79, jan./jun. 1988. Disponível em: <https://goo.gl/mSR8vB>. Acesso em: 27 Mar. 2018.

CINTRA, A. M. M. Estratégias de leitura em documentação. In: Smit, Johanna W. (Coord.). **Análise documentária**: a análise da síntese. 2.ed. Brasília : IBICT, 1987.

CUNHA, I. M. R. F. Análise documentária. In: SMIT, J. W. (Org) **Análise documentária: análise da síntese**. 2. ed. Brasília: IBICT, 1989.

CURRÁS, E. **Ontologias, taxonomia e tesouros em teoria de sistemas e sistemática**. Brasília: Thesaurus, 2010.

DAL'EVEDOVE, P. R. **A perspectiva sóciocognitiva no tratamento temático da informação em bibliotecas universitárias**: aspectos inerentes a percepção profissional. 2010. 267 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2010.

DAL´EVEDOVE, P. R.; FUJITA, M. S. L. A Cognição profissional de catalogadores de assunto em contexto de biblioteca universitária. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE

BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS – SNBU, 15., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: CRUESP, 2008. p. 1-15.

DAL' EVEDOVE, P. R.; FUJITA, M. S. L. Teoria e prática em catalogação de assunto: a sistematicidade do processo em contexto de bibliotecas universitárias pela perspectiva profissional. **Perspect. ciênc. inf., Belo Horizonte**, v. 17, n. 4, p. 123-141, dez. 2012. Disponível em: <https://goo.gl/r5dBMN>. Acesso em: 02 nov. 2018.

DIAS, E. W.; NAVES, M. M. L. **Análise de assunto**: teoria e prática. 2ª ed. rev. Brasília: Thesaurus, 2013.

DIAS, E. W.; NAVES, M. M. L. **Análise de assunto**: teoria e prática. Brasília, DF: Thesaurus, 2007.

DIAS, E. W.; NAVES, M. M. L.; MOURA, M. A. O usuário-pesquisador e a análise de assunto. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.6, n.2, p. 205-221, jul./dez. 2001. Disponível em: <https://goo.gl/WBZix2>. Acesso em: 18 jul. 2018.

ESPINO, S. P. **Present perfect**: uma questão de aspecto: um estudo sobre o contexto na compreensão da noção de aspecto subjacente ao present perfect simples em inglês. 2007. 149 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007. Disponível em: <https://goo.gl/ZxvtL9>. Acesso em 10 set. 2016.

FIUZA, M. M. O ensino da Catalogação de Assunto. **Rev. Esc. de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 14, n.2, p. 257-269, set.1985. Disponível em: <https://goo.gl/5pKWgH>. Acesso em: 18 set. 2018.

FLAMINO, A.N.; SANTOS, P.L.V.A.C. MARC21 e XML como ferramentas para consolidação da catalogação cooperativa automatizada: uma revisão de literatura. In: VIDOTTI, Ap.B.G. (coord). **Tecnologia e conteúdos informacionais**: abordagens teóricas e práticas. São Paulo: Polis, 2004. p. 114-138. Disponível em: <https://goo.gl/MzbgWD>. Acesso em 10 set. 2017.

FUJITA, M. S. L. A leitura do indexador: estudo de observação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 4, n. 1, p. 101-116, 1999. Disponível em: <https://goo.gl/AHR4y6>. Acesso em: 14 out. 2016.

FUJITA, M. S. L. **A leitura documentária do indexador**: aspectos cognitivos e linguísticos influentes na formação do leitor profissional. 2003. 321 f. Tese (Livro-Docência em Análise Documentária e Linguagens Documentárias Alfabéticas) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

FUJITA, M. S. L. A leitura documentária na perspectiva de suas variáveis: leitor-textocontexto. **DataGramaZero**, v.5, n.4, ago. 2004. Disponível em: <https://goo.gl/Vg7A4Z>. Acesso em: 14 out. 2016.

FUJITA, M. S. L. Aspectos evolutivos das bibliotecas universitárias em ambiente digital na perspectiva da Rede de Bibliotecas da UNESP. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 15, n. 2, p. 97-112, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/issue/archive>. Acesso em: 20 set. 2017.

FUJITA, M. S. L. Organização e representação do conhecimento no Brasil: análise de aspectos conceituais e da produção científica do ENANCIB no período de 2005 a 2007. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**; v. 1, p. 1-32, 2008. Disponível em: <https://goo.gl/nAc2p4>. Acesso em: 14 out. 2018.

FUJITA, M. S. L. A importância teórica e prática da indexação na fundamentação científica da organização e representação do conhecimento. In: DOBEDEI, Vera; GUIMARÃES, José Augusto Chaves(org.). **Complexidade e organização do conhecimento**: desafios de nosso século. Rio de Janeiro: ISKO-Brasil; Marília: FUNDEPE, 2013. p. 147-159. Disponível em: <https://goo.gl/6QP2up>. Acesso em: 7 ago. 2018.

FUJITA, M. S. L.; DAL' EVEDOVE, P. R.. A prática da catalogação de assunto em perspectiva sociocognitiva. **Scire**, v. 16, n. 2, p. 93-101, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/114686>. Acesso em: 8 ago. 2018.

FUJITA, M. S. L.; NARDI, M.I.A.; FAGUNDES, S. A.. Observing documentary reading by verbal protocol. **Information Research-an International Electronic Journal**. Sheffield: Univ Sheffield Dept Information Studies, v. 8, n. 4, 31 p., 2003. Disponível em: <https://goo.gl/zSrGVY>. Acesso em: 03 out. 2018.

FUJITA, M. S. L.; RUBI, M. P.; BOCCATO, V. R. C. As diferentes perspectivas teóricas e metodológicas sobre a indexação e catalogação de assuntos. In: FUJITA, M. S. L. **A indexação de livros: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 149 p.

GERHARDT, A. F. L. M. Uma visão sócio-cognitiva da avaliação em textos escolares. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 27, n. 97, p. 1181-1203, set./dez. 2006. Disponível em: <https://goo.gl/uVmSS8>. Acesso em: 07 out. 2017.

GIL LEIVA, I. **Manual de indización**: Teoría y práctica. Gijón: Trea, 2008. 429 p.

GIL LEIVA, I.; FUJITA, M. S. L. **Política de indexação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2012.

GUIMARÃES, J. A. C. A análise documental no âmbito do tratamento da informação: elementos históricos e conceituais. In: RODRIGUES, G. M.; LOPES, I. L. **Organização e representação do conhecimento na perspectiva da Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2003. p.100-117.

GUIMARÃES, J. A. C. Abordagens teóricas de tratamento temático da informação: catalogação de assunto, indexação e análise documental. **Ibersid**, v. 3, n. 1, p. 105-117, 2009.

GUIMARÃES, J.A.C.; MORAES, J.B.E.; GUARIDO, M.D.M. Análisis documental de contenido de textos narrativos: bases epistemológicas y perspectivas metodológicas. In: GARCÍA MARCO, F.J. (Org.). **Avances y perspectivas en sistemas de información y documentación en entorno digital**. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2007. p. 93-100. Disponível em: <https://goo.gl/tHx1TE>. Acesso em: 09 jun. 2017.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. **ISO 5963:** Documentation – Methods for Examining Documents, Determining their Subjects, and Selecting Indexing Terms (Documentação – Métodos para análise de documentos, determinação de assuntos e seleção de termos de indexação). Geneve, 1985.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 221p.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita:** uma perspectiva psicolinguística. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

KLAES, R. R. **Dados e informações usadas na tomada de decisão em bibliotecas universitárias brasileiras:** o contexto da atividade de desenvolvimento de coleções. 1991. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Documentação) – Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, Universidade de Brasília, 1991.

KOBASHI, N. Y. **A elaboração de informações documentárias:** em busca de uma metodologia. 1994. 195 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994. Disponível em: <https://goo.gl/CdjJsx>. Acesso em: 14 out. 2018.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002. 168 p.

LIMA, J. L. O.; ALVARES, L.. Organização e representação da informação e do conhecimento. In: ALVARES, Lilian (org.). **Organização da Informação e do conhecimento:** conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações. São Paulo: B4 Editores, 2012.

MARTINHO, Noemi Oliveira. A dimensão teórica e metodológica da catalogação de assunto. 2010. 189 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2010.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MEY, E. S. A. **Introdução à catalogação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1995.

MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: Editora da Unesp, 1996.

MOREIRO GONZÁLEZ, J.A. **El contenido de los documentos textuales:** su análisis y representación mediante el lenguaje natural. España: Ediciones TREA, S.L., 2004. 291 p.

NARDI, M. I. A. **As expressões metafóricas na compreensão de texto escrito em língua estrangeira**. São Paulo: PUC, 1993.260f. (Mestrado em Linguística Aplicada ao ensino de línguas) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1993.

NARDI, M. I. A. **A metáfora e a leitura como evento social:** instrumentos do pensar a Biblioteconomia do futuro. São Paulo, 1999. 271f. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1999.

NAVES, M. M. L. Estudo de fatores interferentes no processo de análise de assunto. **Perspect. Cienc. Inf.**, Belo horizonte, v. 6, n. 2, p. 189 – 203, jul./dez. 2001. Disponível em: <https://goo.gl/GYAHUj>. Acesso em: 27 set. 2018

NOVELLINO, M. S. F. Instrumentos e metodologias de representação da informação. **Informação e Informação**, Londrina, v.1, n.2, p.37-45, jul./dez. 1996. Disponível em: <https://goo.gl/o3tyK5>. Acesso em: 14 out. 2018.

QUEIROZ, M.I.P. **Variações sobre a técnica de gravador no registro de informação viva**. São Paulo, T.A. Queiroz, 1991.

REDIGOLO, F. M. **O processo de análise de assunto na catalogação de documentos: a perspectiva sociocognitiva do catalogador em contexto de Biblioteca Universitária**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

REDIGOLO, Franciele Marques. **O processo de análise de assunto na catalogação de livros em bibliotecas universitárias: aplicação do protocolo verbal**. 2014. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

REDIGOLO, F.M.; ALMEIDA, C. C.de. Algumas contribuições da perspectiva filosófico-semiótica de Peirce para a análise de assunto. **DataGramaZero**, v. 13, n. 3, jun. 2012. Disponível em: <https://goo.gl/hTSYhD>. Acesso em: 14 out. 2018.

REIS, D. M. **A importância da observação da estrutura textual durante a catalogação de assunto de livros científicos em bibliotecas universitárias: uma análise realizada a partir da técnica de protocolo verbal**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012.

ROBREDO, J. **Documentação de hoje e de amanhã: uma abordagem revisitada e contemporânea da Ciência da Informação e de suas aplicações biblioteconômicas, documentárias, arquivísticas e museológicas**. 4.ed. rev. e ampl. Brasília: Edição de autor, 2005.

SILVA, M. dos R.; FUJITA, M. S. L. **A prática de indexação: análise da evolução de tendências teóricas e metodológicas**. **Transinformação**, Campinas, v.16, n.2, p.133-161, maio/ ago., 2004. Disponível em: <https://goo.gl/WZanej>. Acesso em: 27 jul. 2018.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

UNISIST. **Princípios de indexação**. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v.10, n.1, p. 83-94, mar. 1981. Disponível em: <https://goo.gl/k4HbE6>. Acesso em: 27 jul. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Sistemas de Bibliotecas. Biblioteca Central Prof. Dr. Clodoaldo Beckmann. **Relatório de Gestão 2017**. Belém, 2018, 49p. Disponível em: <https://goo.gl/Ptx4RM>. Acesso em: 27 jul. 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA A COLETA DE DADOS

Prezado (a) Bibliotecário (a),

Eu, Marcos Paulo de Oliveira, discente do curso de Biblioteconomia pela Universidade Federal do Pará, membro do grupo de pesquisa em Representação em Arquivos e Bibliotecas (UFPA), tendo como linha de pesquisa a Representação em Bibliotecas: aspectos metodológicos e práticos. E como pesquisador, estou desenvolvendo uma investigação sobre o sociocognitivismo do catalogador de assunto com uso das diretrizes da análise de assunto com a aplicação do Protocolo Verbal Individual como pesquisa integrada ao projeto “Análise de assunto de conteúdos documentários em bibliotecas universitárias: aplicação e avaliação de diretrizes” sob orientação da Prof.^a Dr.^a Franciele Marques Redigolo, docente da Faculdade de Biblioteconomia.

Para darmos prosseguimento no desenvolvimento da pesquisa, solicitamos sua contribuição participando como sujeito de nossa investigação, discutindo o texto e que poderá ser precedido de uma entrevista retrospectiva.

Esclarecemos que os dados serão tratados de forma confidencial, uma vez que os participantes não serão identificados e a pesquisa assume o compromisso ético de tratar os dados repassados de forma fidedigna, logo, os dados obtidos neste estudo serão mantidos em sigilo e utilizados somente para fins de pesquisa, exclusivamente.

Atenciosamente,

Marcos Paulo de Oliveira.
Bolsista de Iniciação Científica-PRODUTOR.
Discente do Curso de Biblioteconomia/UFPA
oliveirapmarcos@hotmail.com

Prof.^a Dr.^a Franciele Marques Redigolo.
Faculdade de Biblioteconomia / ICSA / UFPA
francieleredigolo@gmail.com

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.



Universidade Federal do Pará
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas
Faculdade de Biblioteconomia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa: **O SOCIOCOGNITIVISMO DO CATALOGADOR DE ASSUNTO COM USO DAS DIRETRIZES DA ANÁLISE DE ASSUNTO: aplicação do protocolo verbal individual.**

A motivação para a realização desse estudo decorre da falta de normalização capaz de fornecer uma padronização na análise de assunto nas bibliotecas universitárias. A concretização desta pesquisa nos levará a um instrumento de ensino para discente de biblioteconomia e capacitação para os profissionais

O **problema** apresentado para o desenvolvimento da pesquisa centra-se na necessidade de estudo de metodologias normativas para a análise de assunto na catalogação de assunto.

Por meio desta pesquisa, **propõe-se** colaborar com discussões sobre as diretrizes de Análise de Assunto na Catalogação em bibliotecas universitárias, desenvolvido por Redigolo (2014, p. 207) com seis catalogadores de bibliotecas universitárias com o uso da técnica do protocolo verbal e as observações do pesquisador, com o intuito de servir futuramente como instrumento de ensino e capacitação para os profissionais.

Com a proposição definida acima, esta pesquisa teve como **objetivo geral** alcançar discussão de aprimoramento sobre metodologia de representação de conteúdo de documentos no âmbito universitário a partir do contexto sociocognitivo dos catalogadores. E possui os seguintes **objetivos específicos**: a) Estudar na literatura sobre o contexto sociocognitivo do catalogador na catalogação de assunto; análise de assunto e o estudo de normalização para representação de assunto. b) Investigar a estrutura das diretrizes de Análise de assunto a partir da aplicação Protocolo Verbal Individual com seis catalogadores da UFPA. c) Colaborar na discussão para validação das Diretrizes de Análise de Assunto como um instrumento capaz de fornecer uma padronização na análise de assunto nas bibliotecas universitárias.

A parte prática da pesquisa se iniciará com a aplicação do protocolo verbal individual com seis catalogadores em bibliotecas universitárias para a leitura e discussão do texto de Redigolo (2014, p. 207), intitulado “Diretrizes de análise de assunto na catalogação em bibliotecas universitárias”.

O catalogador é o nosso universo amostral, a partir dos discursos enunciados publicamente pelo profissional em cima do texto será registrado no gravador portátil e posteriormente analisado.

O objetivo desse método é saber o que realmente o bibliotecário pensa na hora da catalogação, sem estar preocupado se vai acertar ou errar, por isso foi feito a familiarização da técnica antes da aplicação.

Na técnica utilizada o locutor tem o mínimo de interação com o pesquisador ficando assim impossibilitado de fazer trocas de informações, o que poderá nos proporcionar melhor reflexão.

Para darmos prosseguimento no desenvolvimento da pesquisa, solicitamos sua contribuição participando como sujeito de nossa investigação, discutindo o texto e que poderá ser precedido de uma entrevista retrospectiva.

Esclarecemos que os dados serão tratados de forma confidencial, uma vez que os participantes não serão identificados e a pesquisa assume o compromisso ético de tratar os dados repassados de forma fidedigna, divulgando os resultados para fins propostos pelos objetivos da pesquisa.

Os dados obtidos neste estudo serão mantidos em sigilo e utilizados somente para fins da pesquisa. Os catalogadores não serão identificados e o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a privacidade dos mesmos será mantido pelo pesquisador para fins de utilização em pesquisa, exclusivamente.

Marcos Paulo de Oliveira
Email: oliveirapmarcos@hotmail.com
Contato: (91) 981475762

Declaro que eu fui informado sobre os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e porque o pesquisador precisa da minha colaboração, tendo entendido a explicação. Por isso, eu concordo em participar, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Belém, **dia** de **mês** de **ano**.

Assinatura do participante*

APÊNDICE C – PONTOS NORTEADORES DA ENTREVISTA RETROSPECTIVA

O objetivo é induzir o leitor a falar sobre a leitura realizada.

- 01 – O que achaste da leitura?
- 02 – Releste algum trecho?
- 03 – Como foi a sua atenção durante a leitura, ela se manteve de forma constante?
- 05 – Em algum momento tu avaliaste quanto tu sabias sobre o que estava lendo? Ou....
- 06 – Em algum momento tiveste a sensação de que não tinha a menor ideia do que se tratava?
- 07 – Em algum momento notaste que não estavas compreendendo a leitura e decidisse ler denovo?
- 08 – Existe uma Política de Indexação elaborada pela biblioteca? ou
- 09 – Existe alguma regra que normalize as atividades para o tratamento temático da informação.
- 10 – Há quanto tempo você faz a catalogação nesta instituição?
- 11 – Quantas áreas específicas você tem contato? Isso atrapalha ou ajuda no processo de determinação do assunto?
- 12 – Os procedimentos tomados foram desenvolvidos a partir da experiência na análise de assunto (conteúdo) na catalogação?
- 13 – Fale sobre a importância da determinação do assunto para a recuperação da informação.
- 14 – Você tem pré-definido a etapa da identificação e da seleção de conceitos?
- 15 – Fale sobre a seleção dos termos e o uso de um vocabulário controlado.
- 16 – Em sua visão, a catalogação de assunto ocupa o mesmo espaço e importância da catalogação descritiva?
- 17 – Como é feito ou se é realizado um controle para verificação se os termos determinados na análise de assunto estão condizentes com a busca dos usuários?
- 18 – Como é o dia a dia como catalogador nesta instituição?

APÊNDICE D – Aplicação do Protocolo Verbal Individual com o Catalogador da área de CIÊNCIAS DA SAÚDE da UFPA.

PROPOSTA DE DIRETRIZES DE ANÁLISE DE ASSUNTO NA CATALOGAÇÃO EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

1. Compreensão de aspectos conceituais da análise de assunto na catalogação

Quando um livro chega à biblioteca, primeiramente vamos ver se ela já está na biblioteca central, se não vou procurar na BN, na PUC/Paraná ou na biblioteca do congresso. Eu vou ver qual é a catalogação que é adotada desde a classificação dos assuntos que é 650 então eu me norteio por aí. A gente tem essas bases como parâmetro.

2. Delimitação da área de domínio

Bom eu estou na área da saúde. Quais as bibliotecas virtuais que escolho é a BVS que é a biblioteca virtual de saúde, a Scielo, o serviço escade. Se alguém precisa pedir algum documento, a gente não faz aqui, mais eu mando se dirigir a BC. Mais a gente aprendeu no treinamento do portal da capes, que é um grande vilão que a gente usa aqui, que quando não tem, você seleciona aquele título do artigo joga diretamente no Google. Cai em algum lugar, que alguém já jogou na rede. Ai não é preciso você comprar.

Vou dar como exemplo, eu tive uma chefe aqui que fazia doutorado, que ela é pediatra. De dez artigos eu consegui sete só utilizando esse mecanismo. Eu não compro logo de imediato. São esses serviços que a gente faz, esse setor de referência o que a gente faz? Ficha catalográfica, a gente faz pesquisas para eles, porque muitas vezes eles não sabem usar o portal da capes. Ele tem que ter e-mail UFPA para fazer a busca dos artigos, porque para ele ter acesso ele tem que ter e-mail, o mesmo login você vai colocar lá no “meu espaço”.

3. Definir o público usuário

Pulou tópico.

4. Conhecer os instrumentos disponíveis.

Olha, linguagem controlada eu acredito que seja aquilo que está nas bases. Sistema de cooperação é quando eu vejo que o livro já tem, há esse livro já está na Bc, eu só vou cadastrar o exemplar. Há esse livro tem na BN, há então é uma cooperação porque ele me serve como referência, um modelo.

5. Níveis de representação

Olha, eu acho que tem que ter uma necessidade de especificar quantos termos tem, o complicado é quando é assim um capítulo, né! Mais tem que analisar os capítulos ou então você bota os principais, já que digamos tenha nove capítulos, não dá para colocar os nove termos, mais aqueles que mais representam ou mais importantes. Para falar daquele assunto.

Eu como estou aqui na área da saúde, as vezes os nomes das doenças é assim “imensa” mais ela é conhecida pelo termo tal. Esse termo que é mais conhecido é que vamos usar na busca, então provavelmente esse vai ser o assunto.

6. Reconhecer a estrutura textual

Nós usamos muito aqui os livros e o portal de periódicos da capes.

7. Intertextualidade

Esses outros campos é outros campos do conhecimento? Pois é, hoje a gente vive a interdisciplinaridade, então a gente tem que ler um pouco sobre os outros assuntos ou relacionados até mesmo para a gente definir melhor. Isso é importante. Ai tem uma nota

[“NOTA: (1) – Em livros da área de Humanidades os assuntos podem se entrelaçar formando uma rede de conhecimentos multidisciplinares, exigindo que o Catalogador tenha amplo conhecimento interdisciplinar.”] Eu vejo isso como a gente vai classificar, eu já trabalhei por exemplo em áreas da literatura, ai quando chegava eu dizia, há mais esse autor aqui é brasileiro ou português? Ai eu lia mais sobre ele para poder definir melhor aquele acervo.

8. Hábitos

Ele tem que fazer aquela análise, ele tem que se aprofundar naquilo ali, não pode ser de forma mecânica. Tá! Eu penso isso, estudar mesmo o que está em mãos.

9. Experiência Colateral

Sim essa educação continuada, quando cheguei aqui eu não sabia o que era “ferro” subespecialização de oftalmo. Eles falavam imtrecepitor que é o medico que acompanha o residente nas cirurgias e nas consultas. Então estou na área da saúde, eu tenho que ter essa educação continuada para poder me familiarizar com os termos que eles falam.

10. Proficiência

Pulou

11. Qualidade e avaliação da Análise de Assunto

Quando a gente vai catalogar, a gente vai consultar as bases, como foi que a BN usou? Que termo ela utilizou? E por ai que eu tenho que seguir. Sempre a gente vai se basear em alguém que é referência. Para a gente ter uma ideia.

12. Acesso à linguagem controlada pelo usuário

Ok

13. Aptidões do catalogador

Ok

14. Fases do Processo de Análise de Assunto

Ok

APÊNDICE E– Aplicação do Protocolo Verbal Individual com o Catalogador da área de CIÊNCIAS HUMANAS da UFPA.

PROPOSTA DE DIRETRIZES DE ANÁLISE DE ASSUNTO NA CATALOGAÇÃO EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

1. Compreensão de aspectos conceituais da análise de assunto na catalogação

A leitura documentária que eu faço é, eu sempre procuro ler as orelhas dos livros, resumo, apresentação, e o sumário. A partir de lá eu extraio os conceitos, geralmente eu anoto num papel, e depois para selecionar quais os conceitos que vão ou não ser indexados naquele livro eu vou geralmente na BN e na library of congress que são as bases utilizadas aqui na UFPA e eu sempre coloco de três à no máximo cinco assuntos por livro, porque eu sou contratada para catalogar 1000 livros, já estou chegando no final e fui renovado meu contrato para fazer mais 1000 livros. A indexação daqui segue a library of congress, só que geralmente eu vou na biblioteca nacional, é em português e é mais fácil, e muitas vezes que tem na BN é aceito também na library of congress. Por exemplo, temos um livro que fala sobre um termo que a gente ainda não tem catalogado aqui, aí vou na BN e tem lá, blz! Mais eu vou também na library of congress aí se tiver também lá, aí sim eu posso trazer esse termo para a nossa base. Tá? Vou pular para o outro...

2. Delimitação da área de domínio

Como estou como contratada só para catalogar livro, eu quase eu não tenho contato com os usuários, mais eu sei que os serviços que oferecem é o serviço de referencia normal, empréstimo, devolução, ajudar o usuário a pesquisar na base de dados, elaboração de ficha catalográfica e ajuda nos trabalhos do pessoal do mestrado e do doutorado.

3. Definir o público usuário

Participante saltou trecho do texto base

4. Conhecer os instrumentos disponíveis.

A indexação daqui como eu falei ela se baseia muito na BN e na library of congress, porque aqui ainda não tem uma política. A linguagem é controlada, o sistema de cooperação pelo que eu sei é quase nulo. No treinamento que eu fiz lá na central, eu perguntei se já tinha na base e só fazia importar a catalogação aí eles não souberam me dizer, só falaram que não pode. Tá bom né? Eu só sou contratada eu não vou ficar batendo de frente com isso.

5. Níveis de representação

Quando eu fiz esse treinamento lá na central, eles falaram que a gente tinha que colocar no mínimo três termos e no máximo cinco termos.

6. Reconhecer a estrutura textual

Saltou

7. Intertextualidade

[“NOTA: (1) – Em livros da área de Humanidades os assuntos podem se entrelaçar formando uma rede de conhecimentos multidisciplinares, exigindo que o Catalogador tenha amplo conhecimento interdisciplinar.”]. Como aqui é uma biblioteca de educação, os livros

são muitos específicos, e eles tratam de vários assuntos, que tu pensa caramba isso é educação? E depois eu vim saber que educação é uma área interdisciplinar.

8. Hábitos

É às vezes temos que correr com o tempo, principalmente eu que tenho prazo para entregar esses 1000 livros, eu não posso ficar parando.

[“a Análise de Assunto não pode ser realizada de maneira mecânica”] Infelizmente, isso aqui não pode, mais isso acontece por questões de prazo e tudo mais.

9. Experiência Colateral

A Experiência de estar finalizando os primeiros 1000 livros, tem livros que eu já sei, por exemplo, esse livro fala de formação de professores, então eu já sei quais os termos quais os descritores eu vou usar e qual vai ser a classificação para esse assunto, até porque para esse assunto nos designamos só uma classificação.

10. Proficiência

[“Conhecimento e aprofundamento teórico sobre as áreas de domínio da biblioteca;”]. Geralmente os livros falam sobre formação de professores, ou sobre conselho escolar, tem muitos assuntos batidos, uma vez ou outra que surge assim, esse livro aqui é diferente ta falando sobre um assunto novo, mais a maioria daqui segue um padrão.

[“Consultar especialistas e pesquisadores na área (quando possível)”]. Isso não acontece!

[“experiência possui dois aspectos: o profissional pode se tornar proficiente no assunto, desenvolver técnicas próprias, permitindo reflexões sobre a análise de assunto. Ou por outro lado, pode se acomodar e desempenhar ((FR)) com pouco êxito seu papel como catalogador de assunto;”]. Eu não sei em qual dessas duas áreas eu estou, porque as vezes é aquele mesmo livro de sempre. As vezes o livro pode falar assim, assim e assado.

11. Qualidade e avaliação da Análise de Assunto

Saltou

12. Acesso à linguagem controlada pelo usuário

O único problema nessa área aqui é que tem livros aqui que eles tratam como prática pedagógica mais só que na nossa linguagem é prática de ensino. Ai eles nunca recuperam por prática pedagógica, esse é um problema que eu já vi com os usuários.

13. Aptidões do catalogador

Saltou

14. Fases do Processo de Análise de Assunto

[“Ilustrações, diagramas, tabelas e seus títulos explicativos (NBR12676, 1992)”] (eu olho, por causa do campo 8 no marc porque tem que descrever o que tem de ilustração no livro.)

APÊNDICE F– APLICAÇÃO DO PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL COM O CATALOGADOR DA ÁREA DE CIÊNCIAS EXATAS da UFPA.

PROPOSTA DE DIRETRIZES DE ANÁLISE DE ASSUNTO NA CATALOGAÇÃO EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

1. Compreensão de aspectos conceituais da análise de assunto na catalogação

Então, o primeiro passo que a gente é orientado no treinamento do pergamum, é assim: pega o material, da uma olha se existe nas bases autorizadas no caso a BN, LC, PUC, e outras que usam o pergamum.

Antes da uma olha se já existe aquele material, para gente né... Dar uma luz nos assuntos, que é a parte mais difícil é a parte de indexação mesmo. Da uma olha se tem, e se tiver a gente da uma observada nos assuntos aí vale a gente concordar ou não, não necessariamente a gente tem que concordar né? Com as palavras chaves que um bibliotecário de lá não sei aonde colocou. Então a gente tem essa observação. Viu os assuntos, vamos começar a olhar no título, no sumário entendeste? Aí vai dando uma luz, depois olha a introdução, se for um trabalho acadêmico, no caso um TCC, uma tese, uma dissertação nos vamos no resumo né?

Eu no caso vi os assuntos, agora dou uma olhada no título, dou uma olhada no sumário, entendeste? Aí vai dando uma luz, depois da uma olhada na introdução, se for um trabalho acadêmico, no caso TCC, tese, dissertação, nos vamos no resumo né? Depois do resumo, as palavras chave já ajuda também. Às vezes a pessoa coloca o assunto da cabeça dele, outros colocam uma frase, entendeste? Tem palavras chave que tem três palavras mais a maioria é de uma ou duas palavras no máximo, tudo isso é campo de observação né? Para indexar.

Então, introdução, sumário, no caso de trabalho acadêmico, da uma olhada no resumo também e aí vai ver se coincide com a base, às vezes coincide né? E às vezes quando o assunto é vamos supor é em língua estrangeira que é mais complicada às vezes. Às vezes o cara se arisca, mais às vezes o livro é em alemão né? Já teve livro aqui em russo até japonês, chinês eu já peguei, aí o cara tem que colar mesmo, colar entre aspas, né? Dar uma olhada em outras bases e pegar essa carona.

Eu observo que tem biblioteca que não vou citar aqui por questões de ética, que coloca o assunto muito geral, vamos supor tese de geofísica, os assuntos são difíceis, muito complicados, muitos termos específicos, e aí tem gente que coloca somente geofísica. Mais geofísica é muito amplo. Eu vou no google mesmo em outros trabalhos, artigos para poder chegar próximo do que é aquele trabalho. Até encontrar, então é esse que é meu método. Eu procuro identificar o máximo o assunto daquele material.

2. Delimitação da área de domínio

Além de alimentar o pergamum, eu normalizo trabalho acadêmico principalmente final do semestre. O único contato que tenho com o público é na normalização e também na elaboração de ficha catalográfica que era feito por via do “FCAT” mais há mais de seis meses que se encontra parado, não sei se eles estão atualizando, fazendo alguns ajustes, aí nos estamos fazendo por aqui mesmo a ficha catalográfica.

O pessoal que vem aqui comigo, normalizar tem dúvida com as palavras chave né? Eles colocam umas que não existem, aí a gente discute aqui e tal. Aí eu pergunto para eles se eles já usaram o pergamum e a maioria deles dizem não. Entendeste? Os bolsistas que tem maior contato com os usuários, aí quando eles têm alguma dúvida na pesquisa, os bolsistas já

tiram lá. Dificilmente eles me procuram tirando dúvida do pergamum. Eles orientam com os termos.

As pessoas estão acostumadas a ver frequentemente aquele termo, ai eles pensam que é uma palavra chave autorizada, mais não é. Acontece muito aqui na parte de normalização e na hora de fazer a ficha. Ai eles dizem que o termo é muito usado na comunidade científica, mais ai eu digo: olha quem fez, quem criou esses termos acredito que seja os pesquisadores junto com os bibliotecários, de la da LC, porque eles que regem essa parte ai. Então certamente tem pesquisadores apoiando. Porque não da para colocar qualquer termo que tu imagina. Já pensou se não houvesse um controle nas palavras chave?

3. Definir o público usuário

Graduação em geologia, geofísica, meteorologia, pós-graduação em geologia, geoquímica, geofísica, ciências ambientais.

4. Conhecer os instrumentos disponíveis.

Às vezes o bibliotecário não capricha tanto na identificação ao máximo, porque às vezes ele é cobrado. Logo no inicio, eu lembro que a BC exigia que eu fizesse cinco catalogações por dia. Mais às vezes não da não. Às vezes da dois. Porque às vezes o assunto é difícil, e se for em língua estrangeira e se o cara não dominar, ai se enrola. E como é pressionado com o negocio de produção, eu não quero nem saber, eu nunca liguei para isso, eles podem me pressionar, que eu vou fazer o que eu puder.

Às vezes eles só colocam um assunto, ai ele pega faz e pronto. Ele não se esforçou, às vezes o livro tem três assuntos, o bibliotecário pega o mais simples, fizeste só um e tal, que é para logo fazer outro né? Para a produção aumentar. E ai o livro que tinha um assunto importante para pesquisa acaba ficando inutilizado dependendo do catalogador. Colocar os dados corretamente na base, principalmente os assuntos, porque os alunos de graduação geralmente procuram por assunto, quando chega na pós-graduação ele já até procura as vezes pelo título, pelo autor quando ele é muito conhecido na área.

Se não caprichar no assunto, não ter comprometimento visando o usuário, por isso que eu demoro. Procuro ver o máximo de assuntos que tem, porque os graduandos procuram muito pelo assunto. Ai a pessoa com preguiça e querendo aumentar a produção às vezes só acha um assunto e coloca. Tendo outros assuntos importantes, e o livro acaba passando batido.

5. Níveis de representação

Dependendo do documento eu vou colocar o que achar necessário, porque vai ser fácil para recuperar. Às vezes, tem cinco assuntos importantes, mais só vai colocar uns três os outros dois são instrumentos geofísicos por exemplo. Ai o catalogador diz que tem três e não vai colocar os dois, ai esse acervo que fala de uma parte boa de instrumentos geofísicos e se alguém vier procurar não vai encontrar. Ai essa parte do livro pode ficar inútil.

6. Reconhecer a estrutura textual

Além desses, nos temos também fotografia aérea. O sumário, os tópicos do sumário, às vezes ele pega uma palavra de um tópico que o autor somente está dando uma pincelada, por exemplo, um tópico que trata da página um até a página cinco. A não ser que seja um capítulo inteiro seria interessante, por exemplo, de geotécnica.

Quando está difícil eu vou para a conclusão, tudo que for me auxiliar eu uso. Tá? Claro, eu vou ver se tem esse livro nas outras bases. Às vezes, ele está em três bases, ai eu

dou uma olhada nas palavras chave. Todos os bibliotecários que fizemos? Às vezes não, dois tiraram de outro, aí ficou tudo igual. Aí pensa que todo mundo catalogou igual, não!... Às vezes só um que fez acontece isso, só uma vez, aí todo mundo botou esse assunto, aí eu vou botar também, mais não! Às vezes tu estás pegando as palavras de um.

7. Intertextualidade

Tem uma palavra interessante “geologia medica”. A febre da serra pelada, o pessoal usava muito mercúrio, isso é a parte da geologia que afeta a saúde humana. Teve um usuário que apareceu aqui com um trabalho justamente com intertextualidade, sobre os fatores climáticos que afetam a saúde humana, no caso foi à climatização de ambientes.

8. Hábitos

Eu trabalho há 40 anos, nessa área... 17 em outra instituição, e 23 anos na UFPA, em outubro vou fazer 24 anos. Antes disso eu fui estagiário no setor de catalogação, então os anos de experiência faz com que eu crie hábitos na hora de determinar os assuntos.

9. Experiência Colateral

Ok

10. Proficiência

Ok

11. Qualidade e avaliação da Análise de Assunto

Teve uma vez que eu normalizei e fiz a ficha catalográfica de um aluno, só que o programa de pós manda o trabalho pronto para a biblioteca para colocar no acervo. Teve uma vez que a menina lá da biblioteca central que eu tinha colocado um assunto no pergamum que não tinha nenhum vínculo com nenhum tipo de material, a palavra chave vamos supor: eu peguei um termo aqui, por exemplo: engenharia de petróleo vamos supor, eu peguei essa tese do rapaz aqui botei engenharia de petróleo mais não está vinculado a nenhum tipo de material que dizer se alguém chegar aqui no pergamum e procurar alguma coisa sobre engenharia de petróleo, mais aí vai aparecer lá nenhum documento, nenhum registro com esse assunto... Tem o assunto mais não tem nada, entendeu?

Mais foi vacilo meu mesmo. Eu fui lá explicar lá para ela, olha realmente, mais como eu normalizei o trabalho do rapaz La, e já fiz a ficha catalográfica, e tinha esse assunto, e o assunto existe na LC eu coloquei logo na nossa base. Porque quando a tese vier para cá, já vai estar cadastrado o assunto. Porém só pode registrar se o material já estiver próprio para ir para o acervo, né? Só pode botar um assunto se o material já estiver aqui!

12. Acesso à linguagem controlada pelo usuário

Abaixo do resumo no trabalho acadêmico, tem as palavras chave, né? O autor pode colocar qualquer palavra dos termos da comunidade científica uma palavra muito frequente, muito usada, não tem problema, só que tem que ser as autorizadas, padronizadas e tal... Aí uma vez um disse aonde eu encontro isso? Aí eu disse para eles procurarem no pergamum, o cara disse que nunca tinha ouvido falar, eles usam mais os termos ligados da geologia, geofísica. Aí eu digo, olha procura nas bases, eu vou te dar essas bases aqui que são autorizadas e que nos somos orientados a procurar e colocar no pergamum. Aí eu disse a LC,

a da Bahia, UFRJ, e fui dando outros exemplos, para procurarem nessas bases, eles colocam na marra.

Muitos deixam a gente se virar, outros não, uns facilitam. Porque às vezes é difícil de identificar um assunto, imagine sem ajuda deles. A gente que não é da área fica mais difícil ainda. Por isso que muitos colocam Geofísica, porque é mais fácil, mais quando eles ajudam fica melhor, fica mais específico, aí eu dei um exemplo uma vez: Geofísica é uma área grande aí vai especificando, tem geofísica do petróleo, geofísica aplicada, **aspecção** geofísica, aí eu expliquei esse assunto é muito específico, se ele não estiver na base, temos que saber de onde ele surgiu, da onde ele vem, entendeste? Para poder registrar. Por exemplo: “área geológica” entra por geologia estratigráfica.

Área geológica pré-cambriana, elioseno, eligoseno, esses negócios aí eu digo: olha não entra por barreira, entra por geologia estratigráfica traço aí entra isso como subassunto.

Sempre quando eles vêm aqui eu procuro mostrar o máximo como é que nos trabalhamos, até como uma maneira de divulgar o nosso trabalho, porque eles pensam que o bibliotecário é só para apontar o livro. Eu mostro os instrumentos do nosso trabalho, até a CDD eu mostro. Eu mostro como a gente encontra as palavras chave.

Aí eu abro para eles saberem que é em inglês a CDD. E que o nosso trabalho não é bobo não. Tudo em inglês, eu digo pega essa palavra chave, vamos ver a última parte da CDD que é o índice. Agora bora procurar aqui comigo, olha aqui e tal, olha o assunto tal, tudo isso para eles se mancarem. Aí a maioria cara, desconhece o nosso trabalho. Depois que você achou o número no índice, vamos para cá. Tá aqui o número que tá lá? Mais só que ainda tem o número geográfico “Amazônia” vamos supor, Tá escrito Amazônia aqui? Não né? Sabe aí onde vamos encontrar? Vamos encontrar na parte de tabela. Eu mostro para eles verem e um modo de divulgar a profissão.

13. Aptidões do catalogador

Ok

14. Fases do Processo de Análise de Assunto

Ok

APÊNDICE G – Aplicação do Protocolo Verbal Individual com o Catalogador da área de CIÊNCIAS DA SAÚDE da UFPA.

PROPOSTA DE DIRETRIZES DE ANÁLISE DE ASSUNTO NA CATALOGAÇÃO EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

1. Compreensão de aspectos conceituais da análise de assunto na catalogação

Política de indexação é o instrumento fundamental para indexar o assunto.

2. Delimitação da área de domínio

Aqui em “estar em contato com o setor de referência” nas setoriais o bibliotecário é tudo. Quando se fala em política de indexação eu penso que tem que ser toda a universidade. Já que a BC tem o domínio de tudo, então ela que será responsável de repassar para as setoriais de como fazer, e isso não acontece, cada setorial se vira como pode, e fazendo o processo na marra.

3. Definir o público alvo

Estudo de usuário é a coisa mais difícil de fazer, é quase impossível a setorial fazer isso porque a gente não tem pessoal para isso. Quem faz esse estudo é o bibliotecário, então aqui não tem como; porém é necessário que se faça para poder ter uma política de indexação correta. Identificar o que realmente o usuário está buscando.

Muita gente não vem na biblioteca, por não conhecer os serviços, ou até mesmo quando ela vai pesquisar no sistema, ela não sabe nem pesquisar, e para o bibliotecário um determinado termo definido para aquele assunto, o que chamamos de termo autorizado. Nesse ponto de vista, o usuário não sabe, então muitas vezes ele vai pesquisar no sistema e não consegue encontrar o que ele quer.

A linguagem tinha que ser mais facilitada para ambas as partes.

4. Conhecer os instrumentos disponíveis

Ok

5. Níveis de representação

É necessário haver esse filtro para diminuir a quantidade de termos. Tem vezes que o profissional pega um documento para analisar, e até no próprio sistema PERGAMUM tem bem uns dez assuntos, e eu acho que não é necessário tudo isso, quanto mais filtrar melhor ainda para o usuário.

6. Reconhecer a estrutura textual

Ok

7. Intertextualidade

Ok

8. Hábitos

Ok

9. Experiência colateral

Educação continuada, o máximo que temos aqui é aquele encontro de bibliotecas e que não se refere a nada de catalogação, como eu falei nos aprendemos com o dia a dia; consultando as bases enfim.

10. Proficiência

Ok

11. Qualidade e avaliação da análise de assunto

Avaliar como o documento é interpretado pelo aluno e como o profissional coloca no sistema e como o aluno recupera. Teria que ter essa pesquisa de satisfação do usuário.

12. Acesso à linguagem controlada pelo usuário

“o setor referência é um elo importante...” o usuário é o elo mais importante porém o setor de referência só serve para fazer empréstimo e devolução.

Ai o catalogador vai fazendo a partir da experiência na área, independente se o aluno recupera ou não.

13. Aptidões do catalogador

Tem farmacologia que está na área de enfermagem.

14. Fases do processo de análise de assunto

Q2N12: mesmo que acesse as bases de dados, sempre tem que ser feito uma análise na obra que a gente tem. E não pegar tudo aquilo que ta na base e copiar para gente. Porque o perfil é diferente, apesar do documento ser da mesma área.

É muita informação para uma coisa simples que tem que ser dita aqui. Ai repete varias vezes do catalogador, ele não deve usar o fator tempo como empecilho, coisas repetidas e isso se torna complicado, porque você pergunta se análise de assunto é tudo isso. Tão amplo que você se perde. – estrutura repetitiva e desnecessária.

Temos impressão no momento da leitura que esta se repetindo as coisas que você já leu. Ela vai soltando o que poderia estar em um só lugar.

APÊNDICE H – Aplicação do Protocolo Verbal Individual com o Catalogador da área de CIÊNCIAS HUMANAS da UFPA.

PROPOSTA DE DIRETRIZES DE ANÁLISE DE ASSUNTO NA CATALOGAÇÃO EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

1. Compreensão de aspectos conceituais da análise de assunto na catalogação

Colocaria a política de indexação para cima, porque eu acho que ela vai repassar por todos os tópicos. Primeiro você se apropria da política de indexação da instituição que você pertence, para você fazer aquilo que você já traz como base do seu curso de formação.

Na política de indexação, você vai fazer uma definição do público alvo e todos os outros aspectos que vai se relacionar, logo, esse tópico deve ser realocado para cima, porque ela vem em primeiro lugar. Quando você entra em uma instituição, a mesma já tem uma política, e ele vai ter que fazer uso dessa política.

2. Delimitação da área de domínio

Ok

3. Definir o público alvo

Ok

4. Conhecer os instrumentos disponíveis

Ok

5. Níveis de representação

Os níveis de representação vão oscilar nesses aspectos, não vai ser amarrado pela política de indexação.

Se você vai colocar os níveis de representação variando conforme esses elementos, ou uma hora ele vai ser exaustivo demais, específico demais ou outra hora ele vai ser somente sucinto, duas palavras definem o assunto daquele livro.

Tem que ser uma coisa coerente, para todo mundo seguir, para não ter uma subjetividade, como nos dizemos. A subjetividade do catalogador influencia muito nisso, mais a política amarra. Eu tenho o máximo cinco assuntos para representar o meu item.

Nível de especificidade de acordo com a Lc – Na biblioteca setorial a gente se depara muito com isso. Quando a gente faz a ficha catalográfica, a gente tem contato direto com o pesquisador, e nesse contato temos que explicar para ele o que é a linguagem dele (que é a linguagem natural) e o que é a linguagem controlada/documental que nem sempre vão ser correspondentes.

E a forma como ele vai ver a representação dos conceitos chaves do trabalho dele, nem sempre vai coincidir com que ele achava, aí ele não entende e acha que tem que ser representado de acordo como tá na linguagem dele, nesse sentido, tem um problema.

A nossa política tem um número de termos para fazer uso, na biblioteca setorial às vezes precisamos de uma especificidade maior, diferente da central, porque na central os termos são mais abrangentes, ficam mais no geral. Porque é uma biblioteca que atende todas as áreas, e seu acervo é desenvolvido para atender a graduação e a nossa não foi pensada logo no começo para atendimento da graduação e sim com a pós. Então com a pós-graduação os termos precisam mais de especificidade, e às vezes o que acontece é que existam classificações diferenciadas entre as bibliotecas por conta disso.

É necessário descer um pouco mais na classificação para poder atender a necessidade do usuário que mais demanda que é a da pós-graduação mais não que a gente não atenda as outras áreas.

As bibliotecas de modo geral, o estudo de usuário é relegado, ela fica em segundo plano. Não deveria ser mais é. Devemos desenvolver a política principalmente baseado no olhar do usuário, porque eles que vão acessar os catálogos. Primeiro deveria fazer a política, já com o estudo de usuário pronto e depois desenvolver a política. E geralmente a gente faz ao contrário.

6. Reconhecer a estrutura textual

Ok

7. Intertextualidade

Isso é fato! Muitas pesquisas apresentam vários vieses. A área da linguagem é assim, embora a gente consiga identificar.

8. Hábitos

O catálogo da rede eu não costumo consultar porque é muito inconsistente as informações. E quando nos consultamos as bases externas que são a BN e a LC, temos que tomar cuidado com a área de conhecimento que eles incorporam lá, não é a mesma que a gente.

Sempre foi posto na nossa formação, que é para gente se basear na descrição, mais na catalogação tem que avaliar muito bem isso, não fazer a atividade sem a reflexão.

9. Experiência colateral

Na primeira leitura que eu for fazer eu não vou saber que é. O que quer dizer com o texto. Algumas coisas eu consigo inferir, mais tem outras, por exemplo, essa aqui “as características que nunca estão ausentes” está muito vaga. Quando ele diz que se pode considerar que o “hábito em ação... experiência colateral”. O que é essa experiência colateral? Essa parte apresenta uma linguagem muito prolixa, está difícil de penetrar no texto. Pode ser dito de outra forma?

A leitura tem essa função, de dizer ao maior número de pessoas, não só o texto da pessoa da área. Está aí a interdisciplinaridade, onde varias pessoas podem acessar esse documento aqui e ter uma compreensão sem necessariamente ser da área.

Item 3: O catalogador precisa, porque se não ele fica solto, e quando você chega na biblioteca de instituto, por área, você vê muito bem isso.

Na biblioteca central você não tem contato direto com o pesquisador, na setorial nos temos mais contato, podendo dialogar e fazer a fala desse catalogador para o nossa forma de catalogar.

10. Proficiência

Ok

11. Qualidade e avaliação da análise de assunto

Esses indicadores a gente não tem avaliação, se os termos estão sendo recuperados pelo usuário, não temos esse feedback.

12. Acesso à linguagem controlada pelo usuário

Ok

13. Aptidões do catalogador

O catalogador faz uma leitura bem rápida, identificar o tempo verbal, a classe de palavras a gente não julga o mérito do texto. Não interferimos, mais identificamos quando o texto está bem estruturado ou quando não está.

14. Fases do processo de análise de assunto

A catalogação em uma biblioteca pública/escolar é totalmente diferente.

Os quadros estão mais simples de entender o processo. “é necessário incluir no sistema a linguagem indígena, pois atualmente só adotam os termos usados na BC e na LC, como eles são muito restritos, precisamos ampliar mais para poder atender a nossa demanda uma vez que o nosso estado apresenta muitas comunidades indígenas. E muitos professores utilizam essa linguagem”. – é necessário incorporar!

APÊNDICE I – APLICAÇÃO DO PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL COM O CATALOGADOR DA ÁREA DE CIÊNCIAS EXATAS da UFPA.

PROPOSTA DE DIRETRIZES DE ANÁLISE DE ASSUNTO NA CATALOGAÇÃO EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

1. Compreensão de aspectos conceituais da análise de assunto na catalogação

Esse primeiro tópico aborda aspectos conceituais, de acordo com esses itens, eu colocaria o tópico “política de indexação” em primeiro lugar, porque é a política que vai orientar o catalogador a executar a catalogação e analisar os assuntos, tá!?

2. Delimitação da área de domínio

Além de estar em contato com o setor de referência, temos outros serviços como no momento de normalizar artigos e os trabalhos de conclusão de curso, assim como na elaboração de ficha catalográficas podemos identificar e determinar melhor a área de domínio onde estou inserido.

3. Definir o público usuário

Estudo de usuário é importantíssimo, né!? Porém é muito difícil de realizar devido ao excesso de atividades que temos que realizar e o tempo limitado.

4. Conhecer os instrumentos disponíveis.

Ok

5. Níveis de representação

Devido não termos ainda uma política de indexação, o nível de representação fica a critério do bibliotecário no momento que tá a indexação o livro, a única coisa que sou orientada pela biblioteca central é que temos que usar preferencialmente de três a cinco descritores. Quanto à pertinência temos livros já cadastrados que não atende as necessidades informacionais dos nossos usuários, eu vejo que isso se deve pela importação dos dados e não é feito a mudança dos termos para a realidade da biblioteca universitária.

6. Reconhecer a estrutura textual

Ok

7. Intertextualidade

Eu realocaria essa categoria para depois da “**Categoria 2: Delimitação da área de domínio**”.

8. Hábitos

Ok

9. Experiência Colateral

Eu colocaria a categoria 8 para depois que abordasse essa categoria.

10. Proficiência

Eu colocaria as categorias 9 e 8 respectivamente para depois que abordasse a proficiência, primeiramente adquirimos proficiência, a partir dos estágios durante a graduação e as disciplinas praticas adquirimos a experiência nel!? E essas duas categorias juntas geram a categoria 8 – os hábitos que criamos durante a realização da análise de assunto.

11. Qualidade e avaliação da Análise de Assunto

Quanto ao conteúdo está tudo ok, porem eu acharia melhor colocar essa categoria depois da categoria 5 – níveis de representação e antes da categoria 4 – Conhecer os instrumentos disponíveis, devido ao conteúdo interno fazerem mais ligação.

12. Acesso à linguagem controlada pelo usuário

Quanto ao conteúdo está tudo ok, porem eu acharia melhor colocar essa categoria depois da categoria 3 – definir o público usuário e antes da categoria 5 - níveis de representação, devido ao conteúdo interno fazerem mais ligação.

13. Aptidões do catalogador

Quanto ao conteúdo está tudo ok, quanto a estrutura e posição dessa categoria, acharia melhor ser antes das categorias respectivamente: **categoria 10** – proficiência, **categoria 9** – experiência colateral e **categoria 8** – hábitos. Essas três categorias eu relaciono com as aptidões do catalogador, ou seja as capacidade dos profissionais e a propensão de realizar a atividade

14. Fases do Processo de Análise de Assunto

Bem satisfatório a forma como foi apresentada essa categoria, com uma riqueza de detalhes que auxiliam o catalogador no momento da indexação, além das notas servirem de apoio na leitura dos tópicos.

ANEXOS

ANEXO A - FAMILIARIZAÇÃO AOS SUJEITOS SOBRE A TÉCNICA DO “PENSAR ALTO” OU PROTOCOLO VERBAL.

Apresentaremos algumas instruções que são mostradas aos sujeitos sobre a técnica do protocolo verbal, ou o pensar alto, instruções de como os sujeitos devem ser portar durante a aplicação desta técnica de coleta de dados, fazendo uma leitura normal do artigo, mas em voz alta, para que a atividade possa ser gravada.

INSTRUÇÕES AOS SUJEITOS SOBRE A TÉCNICA DO “PENSAR ALTO” OU PROTOCOLO VERBAL – Nardi (1993)

O que vamos fazer agora é uma atividade de familiarização com a técnica de coleta de dados que será usada em nossa pesquisa. Tudo que você tem a fazer é ler o texto da mesma maneira que você costuma ler um texto para indexação. É muito simples e natural.

Durante toda leitura você precisa “pensar alto”. Tente imaginar você sozinho num recinto lendo um texto para indexação. Em situações como essa, já não lhe ocorreu começar a falar espontaneamente em voz alta, exteriorizando seus raciocínios, seus mecanismos mentais para conseguir compreender? Neste processo, o indivíduo “pensa em voz alta” verbalizando espontânea e quase inconscientemente seus pensamentos, questionamentos, suas buscas para eventuais problemas de compreensão, sua maneira singular de extrair significado de um texto.

Um exemplo bastante claro de exteriorização do pensamento durante a realização de uma tarefa (e que ocorre com a maioria das pessoas) é o “pensar alto” espontâneo durante a realização de um problema matemático. Dá prá você ter uma ideia de como funciona essa técnica? Corresponde à verbalização de sua fala interna, seu pensamento.

Agora, a tarefa que você vai realizar é a leitura do texto que vai lhe ser apresentado e, por favor, lembre-se de que é preciso “pensar alto” durante toda a leitura.

Você provavelmente encontrará passagens muito claras e fáceis de compreender, outras poderão lhe obrigar a uma “paradinha” para pensar um pouco mais... Tudo depende do seu próprio estilo.

Lembre-se, que nesses momentos de parada para pensar um pouco mais ou resolver algum problema, você deve tentar exteriorizar tudo que passar pela sua cabeça.

Se em algum momento da leitura, você achar difícil falar e pensar simultaneamente, você poderá fornecer uma explicação de como você compreendeu uma determinada passagem ou de como você buscou a solução para um problema de compreensão.

Na medida do possível, tente fazer esforços para “pensar alto” durante o seu processo de leitura. É um processo único em que falar é pensar.

Tente esquecer a presença da pesquisadora. Ela estará presente apenas para lembrar-lhe que é preciso “pensar alto” o tempo todo. Tente agir tão naturalmente quanto possível, como se você estivesse só. Atente apenas para a tarefa que você deve realizar.

ANEXO B – NOTAÇÕES ESPECÍFICAS PARA TRANSCRIÇÕES: ADAPTADAS DE CAVALCANTI (1989).

Notações adaptadas Cavalcanti (1989)

....	Para sinalizar pausas e continuação da leitura.
(<-)	Para indicar voltas a trechos do texto.
(>-)	Trecho do texto-base “saltado” (ignorado) na leitura.
/	Auto interrupção de um pensamento.
((FR))	Fala e ri ao mesmo tempo.
((RM))	Fala e resmunga (em tom de ironia).
((RI))	Ri.
(>->->-)	Acelera o ritmo da leitura.
(~~~~)	Leitura desacelerada, atenta.
“...”	palavra ou expressão comentada pelo sujeito
[...]	trecho do texto-base vocalizado pelo sujeito à primeira leitura, durante o Protocolo Verbal
<i>Itálico</i>	Fala do sujeito mostrando sua compreensão
MAIÚSCULA	Trecho do texto-base repetido pelo sujeito, no protocolo, no resumo ou entrevista.
{ }	Inclusão nas transcrições, de descrições de gestos significativos do sujeito ou de comentários analíticos do pesquisador.
(...)	Omissão de trecho não relevante na transcrição.
NEGRITO	Trechos que melhor expressam o fenômeno em descrição.
<u>SUBLINHADO</u>	Relevância do sujeito.

ANEXO C – DIRETRIZES DE ANÁLISE DE ASSUNTO NA CATALOGAÇÃO EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS (REDIGOLO, 2014, p. 207).

PROPOSTA DE DIRETRIZES DE ANÁLISE DE ASSUNTO NA CATALOGAÇÃO EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

1 – Compreensão de aspectos conceituais da análise de assuntos na catalogação

- Catalogação de assunto;
- Análise de Assunto:
 - leitura documentária;
 - identificação de conceitos;
 - seleção de conceitos;
- Linguagens Documentárias Alfabéticas;
- Política de Indexação.

2 – Delimitação da área de domínio

- Conhecer a área de representação da instituição;
- Tipo de serviço que oferecem:
 - estar em contato com o Setor de Referência.

3 – Definir o público usuário

- De acordo com os objetivos e demanda de cada instituição, levando em consideração as necessidades de informação:
 - estudo de usuário:
 - usuários reais e potenciais;
 - grupos de pesquisa;
 - especialistas.

4 – Conhecer os instrumentos disponíveis

- Política de indexação da instituição;
- Linguagem controlada e suas especificações;
- Sistema de cooperação.

5 – Níveis de representação

- A especificidade e a exaustividade são elementos essenciais a serem tratados no manual de Política de Indexação, definindo alguns elementos como: a quantidade de termos; a análise por capítulos em caso de livros que contenham autores diferentes para cada capítulo; ou livros de um mesmo autor com capítulos e temas diversos.
- A especificidade da análise de assunto:
 - implica o emprego de uma quantidade menor de termos, a fim de abranger somente o conteúdo temático principal do documento (LANCASTER, 2004, p. 27).
 - desenvolvida até o ponto que o documento exija (retratando a especificidade do assunto);
 - depende da necessidade do usuário;
 - quantidade de termos definida pela Política de Indexação;
 - nível de especificidade de acordo com a Linguagem Controlada;
 - torna o documento mais específico.
- A exaustividade da análise de assunto:
 - implica o emprego de termos em número suficiente para abranger o conteúdo temático do documento de modo bastante completo (LANCASTER, 2004, p. 27).
 - desenvolvida até o ponto que o documento exija (retratando maior generalidade do assunto);
 - quantidade de termos definida pela Política de Indexação;

- desenvolvida até o ponto que o documento exija;
- torna o documento mais geral.
- **Pertinência:**
 - o descritor representará o grau de adequação entre o conceito expressado do texto original e as necessidades informacionais do usuário; (estudo de usuário)
 - feedback na busca (estudo de usuário)

6 – **Reconhecer a estrutura textual**

- **Livros** (os livros não mantêm uma estrutura interna linear, a experiência do catalogador o ajudará a distinguir aspectos mais comuns presentes em livros da área de biológicas, humanas e exatas);
- **Periódicos** (artigos possuem uma divisão estrutural do artigo: resumo, palavras-chave, introdução, teoria aplicada, metodologia, resultados, considerações e referências);
- Teses, dissertações e Trabalhos de Conclusão de Curso (estrutura similar ao descrito nos artigos de periódicos);
- Revistas;
- Jornais;
- Mapas, entre outros.

7 – **Intertextualidade**

- Conexões do texto com áreas e conceitos diversificados:
 - intertextualidade interna: em que o discurso define relação com discursos do mesmo campo;
 - intertextualidade externa: em que o discurso define certa relação com outros campos.

NOTA:

- (1) – Em livros da área de Humanidades os assuntos podem se entrelaçar formando uma rede de conhecimentos multidisciplinares, exigindo que o Catalogador tenha amplo conhecimento interdisciplinar.

8 – **Hábitos**

- A forma ou o mecanismo como o Catalogador determina o assunto refere-se ao hábito que o força a agir, é o que move o profissional a agir de certa maneira.
- Hábito que podem ser observados na Análise de Assunto na Catalogação:
 - não cumprir as três etapas da Análise de Assunto:
 - não desenvolver corretamente a leitura documentária;
 - pular a identificação de conceitos extraindo os termos diretamente dos dados da Catalogação Cooperativa;
- Rupturas dos hábitos levam a novas reflexões:
 - a Análise de Assunto não pode ser realizada de maneira mecânica, a reflexão sobre a forma como desenvolver este processo intelectual é importante para a organização e recuperação da informação em todo centro de informação;
 - aproveitar dados da catalogação cooperativa conscientemente, realizando adaptações dos dados obtidos para o contexto local de acordo com a necessidade da demanda.

9 – **Experiência colateral**

- As experiências colaterais são resultados cognitivos expressos por características que nunca estão ausentes. Sendo que o hábito induz o agir do Catalogador, pode-se considerar, a partir destas reflexões, que o Hábito em ação condiciona as incidências da Experiência Colateral do Catalogador na Análise de Assunto.
- Destacam-se alguns pontos referentes à experiência colateral que podem ser observados na análise de assunto na catalogação:
 - experiência como resultado cognitivo do viver;

- emerge com a vida corrente;
- expressa por características que nunca estão ausentes;
- coleta de elementos de incidência notável;
- experimentações e observações do indivíduo;
- categorias poderão ser confirmadas pelas próprias observações pessoais de cada sujeito.
- São características que sempre estão presentes na maneira de representar do catalogador, como as partes do texto que ele percorre, a forma com que procura o assunto no documento, a forma com que ele lida com a linguagem controlada. Essas atitudes do catalogador podem ser positivas ou negativas dependendo do resultado que geram.
- O catalogador necessita da obtenção de experiência colateral sobre as áreas de atuação em seu ambiente de trabalho, pois é indispensável que domine os referentes dessas áreas de conhecimento.
- A educação continuada é algo que poderia modificar esse quadro e que daria mais conscientização aos catalogadores.
- Conhecimentos específicos relacionados aos assuntos de domínio da catalogação.

10 – Proficiência

- Cursos de capacitação são práticas eficazes para o aprimoramento na área (parte de um princípio de formação continuada);
- Investigações a partir da literatura na área de Catalogação de Assunto e Análise de Assunto;
- Conhecimento e aprofundamento teórico sobre as áreas de domínio da biblioteca;
- Consultar especialistas e pesquisadores na área (quando possível).
- Experiência na análise de assunto. A experiência possui dois aspectos: o profissional pode se tornar proficiente no assunto, desenvolver técnicas próprias, permitindo reflexões sobre a análise de assunto. Ou por outro lado, pode se acomodar e desempenhar com pouco êxito seu papel como catalogador de assunto;
- A construção da Proficiência acontece a partir dos hábitos e da experiência colateral.

11 – Qualidade e avaliação da Análise de Assunto

- Qualidade:
 - pode ser observada pela análise dos resultados da recuperação, ou seja, os documentos pertinentes recuperados e também pelo contato direto com os usuários;
 - a análise de assunto é uma etapa fundamental no processo de catalogação e uma seleção errônea prejudica a qualidade da representação (AGRIS/CARIS, 1994).
- Avaliação:
 - é necessário que haja avaliações sobre as representações de assunto;
 - se os termos de indexação estão sendo recuperados pelo usuário;
 - fórmulas avaliação da indexação: (GIL LEIVA, 2008, p. 386);
 - pensar na avaliação da representação é verificar a sua aplicabilidade dentro do sistema da biblioteca.

12 – Acesso à linguagem controlada pelo usuário

- É uma estratégia para minimizar a problemática das buscas nos catálogos, principalmente pelo acesso remoto.
- Diminui a problemática da falta de atualização das linguagens controladas.
- O setor de referência é um elo importante entre o usuário, o acervo e o Catalogador de Assunto.

13 – Aptidões do catalogador

- Compreender e identificar estruturas no texto, com o objetivo de retirar do conteúdo conceitos que o represente, tendo em vista a complexidade dos textos e orações, como regras gramaticais, compreensão da linguagem ou unidades léxicas, que são conjunto de unidades significativas da língua, metáforas, sinonímias, ou seja, captar a totalidade do significado das orações.
- Entender que por meio da coesão textual identificará os mecanismos constitutivos do texto e, a partir deles, examinará as classes de palavras e de sentenças, os conectivos, os processos de ordenação

e de retomada do tema, os tempos verbais, entre outros fenômenos. Bem como os estruturadores da informação, os conectores, os reformuladores, operadores argumentativos e operadores conversacionais.

- Compreender que coerência textual é o que dará continuidade de sentido (formado pelo encadeamento de proposições); ativação de conhecimentos (ao ler e ouvir uma palavra se recupera fragmentos de conhecimento por meio da memória); força de vinculação (as relações existentes entre os conceitos); ativação generalizada (um elemento de conhecimento ativado atua em outros elementos associados mentalmente); memória episódica e memória semântica (a episódica contém os recursos da própria experiência do indivíduo, a semântica representa todo o que se considera certo do mundo em geral); economia (forma de armazenamento das unidades do conhecimento em nossa memória).

O último tópico, porém não menos importante, discutiu-se as três etapas da análise de assunto, bem como discussão iniciada em Redigolo (2014a).

14 – Fases do processo de análise de assunto

Quadro 1 - Primeira fase: Leitura documentária

Não é necessário realizar uma leitura integral do livro, pois além de não ser o objetivo profissional, no contexto profissional o tempo é limitado, o mais indicado é analisar as partes mais significativas e que devem ser examinadas de forma cautelosa.	
Explicitar os objetivos de leitura (BROW, 1980), para que a intenção da leitura técnica não saia de foco durante a análise de assunto:	Identificação de aspectos importantes da mensagem;
	Alocamento de atenção a áreas importantes;
	Monitoração do comportamento para ver se está ocorrendo compreensão;
	Engajamento em revisão e auto indagação para ver se o objetivo está sendo atingido;
	Tomada de ações corretivas quando são detectadas falhas na compreensão;
	Recobrimento de atenção quando a mente se distrai ou faz digressões.
Alocamento de atenção para as partes importantes do texto:	Título
	Folha de rosto
	Contracapa
	Orelhas do livro (quando houver)
	Ficha catalográfica
	Sumário
	Capítulos (quando houver)
	Introdução (quando houver)
	Prólogo (quando houver)
	Prefácio (quando houver)
	Apresentação (quando houver)
	Conclusão (quando houver)
	Bibliografia
	Considerações (quando houver)
	Ilustrações, diagramas, tabelas e seus títulos explicativos (NBR12676, 1992)
	Referências bibliográficas
	Epílogo (quando houver)
	Apêndice (quando houver)
	Dados dos autores (poderá dar pistas sobre o tema abordado no documento)
	Índice de assuntos (quando houver)

	Índice onomástico (através dos autores citados pode se identificar conceitos)
	Palavras ou grupos de palavras em destaque (sublinhadas, impressas em tipo diferente, etc.) (NBR12676, 1992)
	Agradecimentos (no caso de livro na área de humanas, os agradecimentos podem ajudar a revelar o assunto).

Fonte: Redigolo (2014a).

NOTAS:

- (1) – Títulos de livros na área de exatas, biológicas e área da saúde, na maioria das vezes, não dão margem para várias interpretações.
- (2) – Títulos de livros na área de humanas podem dar margem para várias interpretações. **Ex:** livro sobre sociologia pode estar tanto na área de Ciências Econômicas, Ciências Sociais ou Educação.
- (3) – Não recomenda-se determinar o assunto principal do livro apenas pelo título, eles podem ser enganosos e subjetivos, principalmente na área de humanas.
- (4) – Para a área de exatas e biológicas é mais comum os livros tratarem de um único assunto, porém também podem apresentar capítulos com diversos assuntos.
- (5) – Na área de humanas, é mais comum cada capítulo dentro de um livro conter um tema diferente.
- (6) – A leitura e compreensão do texto parte da cognição profissional.
- (7) – Não há neutralidade nesse processo de determinação de assunto, o conhecimento do Catalogador influencia nas tomadas de decisões.
- (8) – O Catalogador não deve usar o fator tempo como empecilho para não fazer a leitura técnica do material.
- (9) – Recuperar registros da base de dados de Catalogação Cooperativa representa uma economia de tempo, no entanto a atenção do Catalogador de Assunto precisa estar voltada para a análise de assunto: leitura, identificação e seleção de conceitos.

Quadro 2 - Segunda fase: Identificação de conceitos

A identificação de conceitos ocorre durante a leitura, são etapas que estão interligadas, pois é durante a leitura que ocorre a compreensão do assunto do livro.	
Localizar as palavras-chave de um texto para extrair a superestrutura e seguir o raciocínio do autor (MOREIRO GONZÁLEZ, 2004).	
Identificar os pontos que contêm a ideia principal de cada capítulo (em caso de assunto diferente para cada capítulo).	
Descreva em cinco linhas o perfil do assunto, marcando a divisão temática que o texto apresente. Muitas vezes aparecerá em subtítulos, outras vezes deverá identificar os diferentes subtextos em que se divide a superestrutura (MOREIRO GONZÁLEZ, 2004).	
Quanto termos a política de indexação da biblioteca me permite inserir?	
Interroga o texto:	O livro trata de um único tema?
	Os capítulos tratam de um mesmo assunto?
	Os capítulos tratam de um tema diferente?
	Aborda alguma técnica, método ou instrumento especial? (NBR12676, 1992).
	O documento possui em seu contexto um objeto sob efeito de uma atividade? (FUJITA, 2003).
	O livro trata de algum agente dessa ação, operação, processo, etc.? (NBR12676, 1992).
	O documento possui um agente que praticou esta ação? (FUJITA, 2003).
	O assunto contém um conceito ativo (por exemplo, uma ação, uma operação, um processo etc)? (FUJITA, 2003).
	O capítulo trata de algum agente dessa ação, operação, processo, etc.? (em caso de assunto diferente para cada capítulo).
	Todos estes fatores são considerados no contexto de um lugar específico

	ou ambiente? (FUJITA, 2003).
	Quais os objetivos determinados pelo autor? (MOREIRO GONZÁLEZ, 2004).
	Destacou-se alguma coisa? Em particular alguma expressão sublinhada? - Buscar palavras-locuções que possuem ligações, existe ligações lógicas? (MOREIRO GONZÁLEZ, 2004).
	O assunto foi considerado de um ponto de vista, normalmente não associado com o campo de estudo (por exemplo, um estudo sociológico ou religioso)? (FUJITA, 2003).
	São identificadas variáveis dependentes ou independentes? (FUJITA, 2003).
Evitar palavras vazias: que não possuem um sentido em si.	Ex: antes, estudado, permite, inclusive, etc. (GIL LEIVA, 2008, p. 329).

Fonte: Redigolo (2014a).

NOTAS:

- (1) – A identificação dos termos deve partir do conteúdo documental.
- (2) – Usar as ideias do autor e não exatamente as mesmas palavras.
- (3) – Livros da área de humanas em geral são mais subjetivos, desta forma a identificação pode ser mais demorada.
- (4) – Livros da área de biológicas e exatas geralmente são mais diretos em relação ao tema.
- (5) – A identificação do tema é mais rápida na área de exatas, do que em outras áreas, por ser mais direta e menos subjetiva.
- (6) – A área de exatas tem uma característica muito forte, as séries são muito delimitadas, elas têm sempre uma lista do que foi publicado e normalmente essas séries são temáticas, então elas já indicam o caminho para a classificação do livro.
- (7) – A área de biológicas possui muitas siglas para representar os termos.
- (8) – A atualização da área de biológicas é muito dinâmica.
- (9) – A consulta a professores e alunos especialistas ajuda a acompanhar as mudanças da área.
- (10) – O catalogador não deve usar o fator tempo como empecilho para não fazer a identificação dos conceitos a partir do conteúdo.
- (11) – Os termos precisam ser identificados a partir da leitura, e não somente obtidos através da catalogação na fonte, porque cada instituição possui uma realidade diferente.
- (12) – As metáforas e figuras de linguagem em geral estão presentes em livros da área de humanas.
- (13) – A identificação dos termos a partir do conteúdo é uma etapa importante, visto que a não identificação levará o catalogador a usar os termos de indexação recuperados nas bases de dados cooperativas (muitas vezes não adequa os termos para a realidade da biblioteca).
- (14) – Na fase de identificação o catalogador deve inserir conceitos representativos que condizem com o texto, contexto e usuário.
- (15) – Refletir sobre a análise de assunto evita que os hábitos negativos continuem influenciar nas tomadas de decisões.
- (16) – Não usar necessariamente as palavras do autor, mas a ideia que ele pretendeu transmitir.

Quadro 3 - Terceira fase: Seleção de conceitos

A seleção dos conceitos deve ocorrer de acordo com a política de indexação da instituição.		
Para selecionar os conceitos, o catalogador deve conhecer o contexto da instituição.		
Preocupação com o usuário:		Conhecer os interesses do público alvo da biblioteca.
		Os assuntos identificados são autorizados? (Caso de resposta negativa deve-se voltar ao livro e realizar uma busca mais detalhada).

	Podem consultar especialistas no assunto (Ocorre muito em bibliotecas universitárias com característica de biblioteca especializada).
Uso da linguagem documentária:	O catalogador deve conhecer em detalhes a linguagem adotada na instituição;
	Utilizar os descritores de acordo com a linguagem controlada utilizada na instituição.
	Alcançar níveis desejados de especificidade e exaustividade.
Para os termos que representam novos conceitos, deve-se verificar sua precisão e aceitabilidade em instrumentos de referência, tais como:	Dicionários e enciclopédias de autoridade reconhecida nas suas especialidades;
	Tesouros, especialmente os elaborados de acordo com a ISO 2788 ou ISO 5964
	Tabelas de classificação (NBR12676, 1992).
	Consultar especialistas na área.
	Literatura da área.

Fonte: Redigolo (2014a).

NOTAS:

- (1) – Não selecionar os conceitos recuperados diretamente do registro de cooperação, primeiramente deve-se ajustar os termos de acordo com as normas, a linguagem controlada, usuários e contexto da instituição.
- (2) – A seleção dos conceitos partirá da identificação prévia dos termos, iniciada na análise do conteúdo.
- (3) – As três etapas da análise de assunto devem ser rigorosamente cumpridas, pois cada instituição tem um contexto e interesses diferentes.
- (4) – Os termos devem ser validados com uma linguagem controlada.
- (5) – Caso a linguagem não for específica, o catalogador pode enviar sugestões sobre novos descritores para que possa ser avaliado em reuniões para o controle de qualidade (de acordo com as regras de cada instituição).
- (6) – O fator tempo não pode ser empecilho para o catalogador não fazer a tradução dos termos a partir da linguagem documentária.
- (7) – Reuniões periódicas com os outros catalogadores, classificadores e indexadores são importantes para que dúvidas específicas sejam levadas ao grupo e que possam ser resolvidas da melhor maneira.
- (8) – Conhecer detalhadamente a linguagem documentária usada na biblioteca.
- (9) – Levar para reuniões as dificuldades tidas com o uso da linguagem documentária, sobre a ausência de especificidade em determinado assunto, ou a necessidade de inclusão de algum termo relevante para a área, etc.